

voiz

**XXVI SEMANA CULTURAL
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**
1 – 15 | MARÇO | 2024

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

MECENAS



APÓIOS



www.uc.pt/semanacultural

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 58
MARÇO 2024



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 58
MARÇO 2024

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
Amílcar Falcão

DIRETOR-ADJUNTO
Delfim Leão

EDITORA
Marta Poiães • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
Henrique Patrício

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

PRODUÇÃO
Teresa Baptista

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

ISSN
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Câmara Anecoica, ITECONS
Foto: João Armando Ribeiro

www.uc.pt/rua.larga
rua.larga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: www.livrariadaimprensa.uc.pt

EDITORIAL
XXVI Semana Cultural
da UC: «Voz» – P.05
Amílcar Falcão

**REITORIA EM
MOVIMENTO**
Polifonia de Vozes
que Não Se Podem
Calar – P.11
Delfim Leão

O Futuro Está Aqui – P.13
Luís Neves

A Ciência Precisa
de Voz(es) – P.17
João Ramalho-Santos

Por uma «Academia de
Liberdade»: a Formação
como Base para uma Voz
Esclarecida – P.19
Cristina Albuquerque

Internacionalização
da UC: Prioridades – P.23
João Nuno Calvão
da Silva

A Voz É Ação
e Liberdade – P.25
Paulo Peixoto

Voz Estratégica
— Concertando
o Planeamento
Sustentável para um
Futuro Resiliente – P.27
Patrícia Pereira da Silva

Universidade
de Coimbra:
um Legado de Inovação
e Compromisso com a
Excelência – P.31
Nuno Mendonça

A Voz do Desporto na
Sociedade – P.35
Filipa Godinho

**OFICINA DOS
SABERES
Retrovisor**
Comemorar
os 50 Anos
do 25 de Abril
Álvaro Garrido

Vozes... – P.45
Jorge Castilho

A Académica, os Cravos
e a Crise Académica
de 1969 – P.51
Renato Daniel

Ouvidos e
Achados – P.55
Clara Almeida Santos
Francisco Sena Santos

Ribalta
Vozes na
Biblioteca – P.61
Manuel Portela

«Para Não Dizer que
Não Falei de Flores»...
Ou de como Ouvir
a Voz de Abril – P.63
Cristina Freitas

As vozes. A propósito
de estrelas, pus-me
a escrever um
poema – P.69
Carlota Simões

Portugal Botânico:
Viagens na Nossa Terra
– P.73
Teresa Girão
João Farminhão

Centenário
do Nascimento
de Eduardo
Lourenço – P.77
Alexandra Isidro

Um Espetáculo
a Várias Vozes – P.78
José Rui Martins

Ciência Refletida
As Vozes na Cabeça
Calam a Boca – P.83
Mário Montenegro

Ágora
O 25 de Abril
como Futuro – P.89
Alberto Martins

Patrimónios
Descolonização das
Coleções de História
Natural da UC:
um Compromisso de
Longo Prazo – P.95
António Gouveia

**AO LARGO
Crónica**
516 metros
de desafio – P.101
António Tadeu

Criação literária
A Voz de Cada
Era a Sua Voz... – P.107
Rui Mota

Lugar dos livros
Prémio Joaquim
de Carvalho – P.111
Maria João Padez

Livros em
Destaque – P.112



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

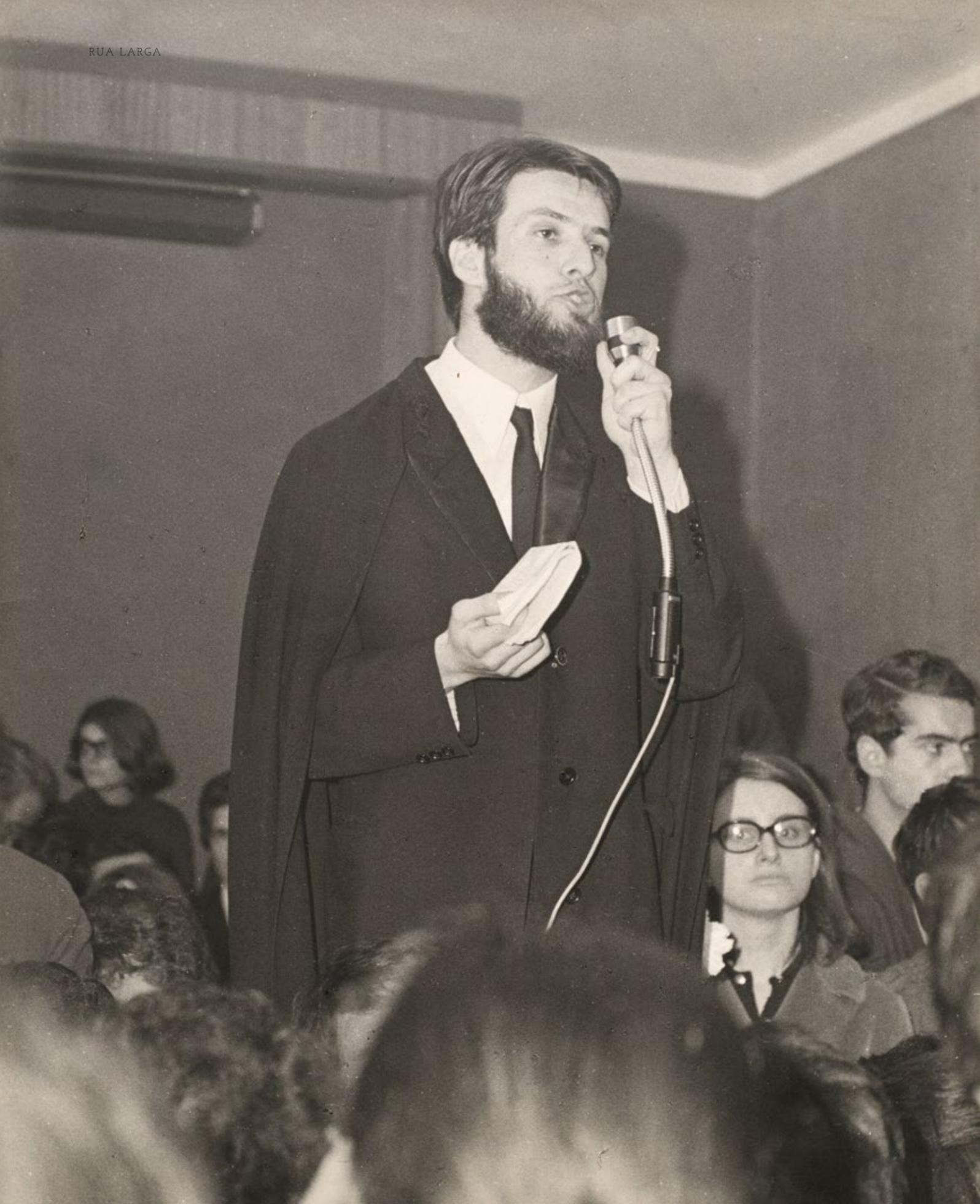


EDITORIAL

NÃO
ESQUECEMOS
OS DEBILITADOS
ENSINO
PARA TODOS

MAS
A UNIVERSIDADE
É VELHA

REINTEGRAR
DOS PROFESSORES
RESE ALUNOS
EXPULSOS



À esquerda: Alberto Martins no uso da palavra, 17 de Abril
 Páginas anteriores: Protestos na Escadaria Monumental,
 Arquivo Crise Académica-Coimbra, 1969, BJJUC

XXVI SEMANA CULTURAL DA UC: «VOZ»

AMÍLCAR FALCÃO *

Em 2024, o país celebra os 50 anos da Revolução de Abril de 1974. É um momento único e que exalta a democracia. Não obstante estarmos a recuar «apenas» 50 anos no tempo, uma parte importante da nossa população já era viva quando há meio século teve lugar a Revolução dos Cravos. A XXVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) pretende associar-se às celebrações do quinquagésimo aniversário do 25 de Abril de 1974, razão pela qual tem como mote a «Voz».

A «Voz» pode ser explorada de formas muito distintas, tanto no singular como no plural. A «Voz» pode tomar várias intensidades enquanto expressão cultural, desde a sua ausência até à célebre expressão «Em nome dos estudantes da Universidade de Coimbra, peço a palavra», de Alberto Martins, Presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, que assim afrontou a ditadura em 17 de abril de 1969, tendo sido uma «voz» importante para aquilo que seria, anos mais tarde, a queda do Estado Novo.

Na celebração dos 50 anos do dia 17 de abril de 1969, Alberto Martins e muitos antigos estudantes e dirigentes da época voltaram a entrar na sala que agora tem o nome desse mesmo dia, no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. «Sou quem sou e ao olhar para o jovem que estava ali no meio, há 50 anos, vejo a distância. Nós tínhamos um país e tivemos de dar a volta ao destino. E demos. Com emoção, com racionalidade, com criatividade, com transgressão», recordou Alberto Martins. «Não houve uma voz que se levantou. Houve uma voz que pediu a palavra em nome de toda a Academia.»

A nossa Academia tem motivos acrescidos para fazer ouvir a sua «Voz» quando o país celebra a Revolução de Abril. E é isso que se espera das propostas que serão apresentadas para serem incluídas na nossa XXVI Semana Cultural. Temos motivos para celebrar a nossa trajetória ao longo dos mais de sete séculos de história. Não tivemos, certamente, a razão sempre do nosso lado, mas estivemos, a maior parte das vezes, do lado da razão (e sempre fazendo ouvir a nossa «Voz»). Nenhuma organização conseguiria sobreviver tanto tempo sem que assim não fosse. Os tempos mudam, as circunstâncias mudam, as dinâmicas mudam. A UC teve de se antecipar a essas mudanças e adaptar-se ao tempo presente, projetando-se sempre para o tempo futuro.

A Semana Cultural da UC tem sido, especialmente nos anos mais recentes, um farol cultural da cidade, da região e do país. Os números estão aí e não mentem. Mesmo durante o período pandémico, fomos das instituições que mais propostas culturais apresentaram ao país. E estamos a fazer esse percurso, incorporando cada vez mais entidades parceiras, numa lógica de abertura à sociedade.

Espera-se desta XXVI Semana Cultural um momento alto do espaço dado à tolerância inerente à liberdade de pensamento e de expressão. Vamos estar, com certeza, a honrar os nossos pergaminhos e a fazer ouvir a nossa «Voz». É com esperança que encaro o futuro, mas com o otimismo de alguém que procura estar bem informado. Coimbra precisa de se fazer ouvir, usando para isso a sua «Voz». No entanto, deve ser ouvida não por pensar que «merece» ser ouvida, mas porque os outros entendem que a «Voz» de Coimbra merece sê-lo. O respeito não se impõe, adquire-se. A autoridade não se impõe, é-nos concedida. O prestígio não se herda nem se compra, conquista-se. A sorte dá muito trabalho a garantir, e Coimbra precisa de muita sorte. Não temos de pensar todos da mesma maneira (nem tal opção seria saudável), mas devemos procurar ter uma «Voz» coletiva que veicule as nossas ideias, interesses e ambições.

Espero, por isso, que a XXVI Semana Cultural da UC nos una a todos em torno de uma «Voz» de que os vindouros se possam orgulhar.

* Reitor da Universidade de Coimbra



À direita: Coro Misto no apoio ao luto académico, Maio Arquivo Crise Académica – Coimbra 1969, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



R R E L I A T I O E - M
M M O E A V N I T - O



DELFIN LEÃO *

POLIFONIA DE VOZES QUE NÃO SE PODEM CALAR

É imorredoura a imagem que aparece num dos primeiros cantos da *Iliada*, retratando os anciãos de Troia que, em redor de Príamo, seu soberano, observam, do alto das muralhas da cidade sitiada, as falanges gregas e troianas. Comenta Homero (*Il.* 3.150-152) que a idade avançada os afastara já do esforço do combate, salientando, porém, que mantinham intocada a excelência do seu discurso, cuja beleza o poeta compara às cigarras, que nas árvores do bosque lançam «vozes delicadas como lírios» (*opa leirioessan*). Para quem agora se passeia pela Grécia numa tarde estival, a sensação de delicadeza não será provavelmente a primeira ideia que vem à mente de quem escuta a clamor das cigarras, cuja perceção estará talvez mais próxima do «canto rouco rouco / das cigarras de Cnossos», que percorre, como um estribilho

omnissonante, o poema *Romance de Cnossos* de David Mourão-Ferreira. A força da metáfora de Homero só se entende em pleno se estiver intimamente ligada à flagrância das palavras dos anciãos que, com a beleza do seu argumento, polvilham de pétalas delicadas um debate ameno passível de estender-se durante horas. Porque o canto das cigarras estabelece um *continuum* referencial com a voz dos oradores, que promovem o prazer da discussão aberta na comum e grande ágora convivial. É igualmente bem conhecida a passagem da *Política* (1253a) em que Aristóteles sustenta que o ser humano é um «animal político» (*zoon politikon*), ou seja uma entidade que encontra a sua realização natural na existência em comunidade (*polis*) e na partilha de objetivos comuns. Distingue-se ainda por ser capaz de articular o som de forma mais

complexa, característica que lhe permite elevar o uso da voz às alturas de um discurso complexo (*logos*). Aristóteles visa assim sublinhar, num dos mais paradigmáticos textos fundadores da teorização política, a estreita relação entre a construção de comunidades de cidadãos ativos e o uso da voz como garante de liberdade de expressão e motor de ação.

Voz é também o lema que nutre a celebração, em 2024, dos 50 anos passados sobre a Revolução de Abril — marco de primeira importância, que se funde com a própria história da Universidade e com a sua tradição de defesa de causas estruturantes da liberdade e da democracia. De facto, foi com a simples expressão «Peço a palavra» que um jovem estudante da Academia coimbrã marcaria de forma indelével o desafio a um regime, abrindo sendas à esperança e à igualdade. Assim libertaria também Coimbra as vozes embargadas num silêncio aflito, para delas fluir, em torrente perene, a Voz da Revolução.

A escolha da «Voz» como tema agregador da XXVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) obedeceu, por conseguinte, ao propósito de dar igual capacidade de intervenção à polifonia de sentimentos, de perspectivas de análise e de expressões artísticas que constroem a riqueza e a complexidade imensas do ser humano, as quais devem encontrar na *Universitas* o espaço natural e necessário de afirmação e de interpelação. Porque

A força da metáfora de Homero só se entende em pleno se estiver intimamente ligada à flagrância das palavras dos anciãos que, com a beleza do seu argumento, polvilham de pétalas delicadas um debate ameno passível de estender-se

a Arte é a grande voz comum da liberdade e o ânimo que alimenta e guia a renovação.

Os anciãos homéricos, debruçados sobre as muralhas de Troia, não tinham já nos seus braços a força que os distinguira no passado. O risco de caírem no esquecimento seria, assim, real, tendo para mais em conta o peso que a Grécia antiga dava ao cultivo da beleza física, na qual via o afloramento externo da própria beleza interior. Eram essas características que, juntas, davam substância à expressão máxima da excelência (ou *arete*, enquanto «conjugação harmoniosa do bom e do

belo»). Ainda assim, Homero concede a esses mesmos anciãos um papel de inequívoco relevo na narrativa, ao valorizar o seu conselho avisado e experiente como contributo salutar e imprescindível a uma sociedade completa, que não descarta nenhum dos seus membros. Num mundo contemporâneo que valoriza a beleza até ao paroxismo, buscando por todos os meios prolongar a imagem da juventude, um dos maiores desafios que coletivamente temos de enfrentar corresponde à inevitabilidade de lidar com o facto de, enquanto civilização, estarmos a envelhecer e de forma muito célere. É essencial reconhecer e cultivar, genuinamente, o contributo que a idade pode trazer, encontrando formas construtivas de acolher e de valorizar quem já muito viveu, mas tem direito a muito mais viver ainda e a fazê-lo com qualidade. Se não trabalharmos ativamente nesse sentido, estaremos a amordaçar uma parte cada vez mais significativa da sociedade e a desperdiçar o contributo intelectual e emotivo que a idade pode consigo trazer. Assim o intuíu já Sólon, o primeiro poeta ateniense e o seu mais paradigmático legislador, por isso mesmo considerado um dos Sete Sábios da Antiguidade, quando afirmava: «Envelheço, aprendendo sempre muitas coisas».

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para a Cultura, Comunicação e Ciência Aberta

O FUTURO ESTÁ AQUI

LUÍS NEVES *

Caberá também a um futuro governo retomar alguns dossiês de elevada importância para o Ensino Superior que ficaram pendentes na atual legislatura.

A incerteza e os novos desafios continuam a marcar a passagem do tempo. Como consequência de uma pandemia e da guerra que se instalou na Europa, regressaram níveis de inflação elevados, cuja memória era já longínqua. Infelizmente, no caso português, tal veio a intensificar um problema de competitividade salarial, já abalada desde os tempos da *troika*, agravando o fosso salarial existente para outros países europeus. Urge resolver esta dificuldade da economia portuguesa, agora estrutural, sob pena de se intensificar a emigração dos jovens qualificados (e não só), de quem depende o futuro crescimento da economia.

Caberá também a um futuro governo retomar alguns dossiês de elevada importância para o Ensino Superior que ficaram pendentes na atual legislatura. A revisão do

Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) deverá ser clara quanto à existência de um sistema binário, diferenciando em conformidade as instituições, ou cessar definitivamente uma distinção que, na prática, tem vindo a ser cada vez mais ténue. Por outro lado, seria útil um novo olhar sobre a fórmula de financiamento das instituições de ensino superior lançada em julho de 2023, e já utilizada no cálculo das dotações do Orçamento do Estado para 2024. A fórmula atual encontra-se reduzida a um único fator — o número de estudantes —, uma simplificação excessiva que cria novas assimetrias entre instituições que se distinguem pela sua história, maturidade, património e posicionamento na sociedade. Aproximando-se o termo da primeira vaga de contratos de investigação



Câmaras reverberantes, ITECONS

celebrados ao abrigo do DI57/2016, o governo cessante lançou o programa FCT Tenure. Também este merece um novo olhar, pois na atual configuração não responde ao problema do emprego científico, limitando-se a transferir responsabilidades financeiras duradouras para as IES mediante um apoio financeiro limitado quer no valor, quer no tempo.

Enquanto se aguarda a clarificação de algumas destas questões de contexto, a Universidade de Coimbra (UC) vai prosseguindo o seu caminho de afirmação. O ano de 2023 foi marcado pela presença no top 500 dos mais prestigiados *rankings* internacionais, bem como por um crescimento muito forte da receita competitiva angariada. Na vertente das pessoas, a que se devem os excelentes resultados obtidos, ocorreu a valorização do corpo docente e do corpo técnico da UC, na sequência do encerramento, com sucesso, dos respetivos procedimentos de avaliação. Adicionalmente, um pacote de abertura de *ca.* 70 dezenas lugares de promoção interna permitiu colocar em 55% o rácio de professores associados e catedráticos face ao corpo docente de carreira. Em apenas quatro anos foi possível duplicar este rácio na UC e atingir a meta legal fixada no Estatuto da Carreira Docente Universitária (ECDU), o que implicou a abertura, no total, de perto de três centenas de luga-

res para as categorias de associado e catedrático. No que respeita ao corpo técnico, prosseguiu a valorização do pessoal existente através do mecanismo de mobilidade intercarreiras, tendo sido superiormente proposta a consolidação de cerca de 30 mobilidades. Continuou a renovação do corpo docente e do corpo técnico, com novos recrutamentos que superaram globalmente as saídas ocorridas.

Paralelamente, foram prosseguidas ações de melhoria dos serviços comuns, por forma a dar conta do grande acréscimo de atividade que se tem verificado. Além do reforço progressivo das equipas, tem contribuído para a capacidade de resposta o desenvolvimento de novos sistemas informáticos, como são exemplos a automatização dos procedimentos de compra em Lugas e a plataforma de suporte à contratação (UC Apply). Neste último caso, espera-se a breve prazo a convergência das duas versões existentes (para diferentes tipologias de concursos) numa única versão unificada e melhorada, e antevê-se a sua possível utilização por outras universidades. Em Lugas, decorrem já os trabalhos com vista ao desenvolvimento de um novo processo de automatização, relativo ao abono de bolsas diversas, uma das tipologias de despesa mais frequentes na UC, permitindo uma maior celeridade no seu tratamento.

Também no domínio letivo prossegue o desenvolvimento das plataformas informáticas de suporte. Após o lançamento da assinatura digital em Nonio, incluindo pausas, requerimentos e listas de seriação de candidaturas, o módulo de exames da UC *teacher/student* tem vindo a ser melhorado e otimizado, dando resposta a dois contextos distintos: a realização de exames online, bem como em sala de aula de forma totalmente digital. Neste segundo caso, a solução encontrada passa pela utilização de *tablets* específicos, apenas com acesso à plataforma de exames, garantindo total segurança do procedimento. Os exames podem ser gerados individualmente para cada estudante, a partir de um banco de dados de perguntas, e possibilitam correção automática. Foram já realizados exames reais em ambos os formatos, com sucesso, estando estas funcionalidades disponíveis para uso generalizado pela academia. Salientam-se ainda as novas salas híbridas, uma combinação de *hardware* e *software* que torna possível aos docentes, com grande simplicidade, dar aulas para estudantes presentes simultaneamente na sala e online. O futuro já começou!

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para os Recursos Humanos, Financeiros e SASUC



JOÃO RAMALHO-SANTOS *

A CIÊNCIA PRECISA DE VOZ(ES)

O ensino universitário desligado da investigação científica nunca fez qualquer sentido. É essa ligação que não só torna o ensino permanentemente dinâmico num mundo que também o é, como ajuda a mediar a intervenção na comunidade, através de diferentes formas, quer de empreendedorismo, quer de ação social. É certo que deveria haver maior flexibilidade nos perfis de carreira e no modo como consideramos e avaliamos diferentes tipos de atividades, sendo que quando qualquer métrica se torna um objetivo em si mesma, deixa de ser útil enquanto métrica. Não há dúvida de que temos de trabalhar com o que temos enquanto o tentamos melhorar, utilizando aquilo que costumo designar por «entropia construtiva». Mas, se não há uma só fórmula para se ser academicamente bem-sucedido, há

formas inequívocas de, por apatia ou desmotivação, não o ser. A Universidade de Coimbra (UC) está a dar passos seguros no sentido de se tornar uma universidade de investigação, na qual todas as ciências e saberes terão de ter um papel a desempenhar. Na verdade, onde os saberes se devem organizar e dialogar em permanência, de forma inter, multi e transdisciplinar — palavras muitas vezes lançadas sem se cuidar de saber o que implicam, e como melhor se efetivam. Além da história, a maior riqueza da nossa Universidade é a sua diversidade, e esta tem de ser uma valência que nos une e potencia de forma holística, tornando-nos maiores do que a soma de partes individuais e coletivas (pessoas, grupos, núcleos, centros, departamentos, órgãos, faculdades; estudantes, docentes, investigadores, corpo técnico).

Para isso, é preciso fazer investigação num espaço de criatividade colaborativa, que só a liberdade académica proporciona, e essa tem de ser a nossa principal linha vermelha. Por outro lado, devemos interiorizar que a investigação científica implica porfiar apesar de todas as condicionantes relacionadas com financiamento e procedimentos, sejam elas internas ou externas — das razoáveis e prudentes, às burocráticas e castradoras. O objetivo tem de ser correr riscos calculados para progredir, sem constantemente reinventar a roda, de modo a podermos fazer a investigação que queremos, não apenas a que nos deixam fazer.

O principal problema da investigação científica em contexto universitário português é bem conhecido. Se a vertente de ensino é financiada, pelo menos de forma parcial, pelo Orçamento do Estado, em investigação é preciso garantir atividades que se querem permanentes com fundos que não o são. Em concreto, fundos de projetos de investigação, sempre com horizonte temporal limitado, ou receitas próprias que têm de servir para muita coisa (manutenção, obras, problemas inesperados, falhas do Orçamento do Estado e diversas iniciativas não financiadas que fazem parte da missão de uma universidade). Apesar de toda esta incerteza, um quadro permanente de investigadores implica, felizmente, uma segurança laboral que de modo algum existe noutros sistemas com os quais, por vezes, nos gostamos de comparar. Estes investigadores precisam de ter mais voz, tanto no que diz respeito aos direitos,

O que não podemos, de modo algum, fazer é ficar à espera de um putativo futuro radioso, ou de uma mudança a nível central que há décadas se aguarda — e que é tão improvável hoje quanto uma miraculosa intervenção divina.

como aos deveres e exigências que a sua integração implica. Mas não bastam investigadores — é preciso capacitar serviços, gestão e comunicação de ciência, criando carreiras atrativas que também aqui fixem os melhores. Na missão maior da universidade, nem todos têm de ser docentes, nem todas têm de ser investigadoras. E há ainda o imperativo de deixar lugar para recrutamento nas gerações subsequentes, de modo a manter a dinâmica. Por outro lado, a comunidade precisa de treino em permanência, de ocasiões para podermos falar de forma produtiva uns com os outros, que não se limitem a órgãos transversais cruciais neste contexto, como o Conselho Geral ou o Senado. Precisamos, sobretudo, de ter capacidade para ir além do inevitável ruído, e, mais do que escutar, ouvir.

A questão é que não é só de pessoas que falamos quando falamos de investigação científica. Também é preciso dar voz a quem nunca a tem, a não ser por interpostos interlocutores que, muitas vezes, têm, compreensivelmente, interesses próprios mais prementes. Desde áreas de conhecimento e assuntos negligenciados que não podemos deixar morrer, a equipamentos e plataformas tecnológicas, passando por reagentes, bibliotecas, coleções, museus e bases de dados, a uma ligação efetiva, aberta e transparente com a sociedade. A ciência não se faz sem pessoas, mas também não se faz só com pessoas. Por último, é urgente promover algo raro em Portugal, e que nos faz muita falta: uma noção de responsabilidade ética, que não traduz totalmente o termo inglês *accountability*. Quanto ao erro, faz parte de todos os processos decisórios, mas deve ser um fator de aprendizagem e melhoria, não uma desculpa medrosa para a inércia.

O que não podemos, de modo algum, fazer é ficar à espera de um putativo futuro radioso, ou de uma mudança a nível central que há décadas se aguarda — e que é tão improvável hoje quanto uma miraculosa intervenção divina. Numa periferia nacional de uma periferia europeia, a UC tem de continuar a fazer o seu próprio Centro, ter a sua voz num mundo global, e daí irradiar. Com realismo confiante, e com todos os que quiserem acompanhar.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Investigação

POR UMA «ACADEMIA DE LIBERDADE»: A FORMAÇÃO COMO BASE PARA UMA VOZ ESCLARECIDA

CRISTINA ALBUQUERQUE *

A construção de uma Academia que potencie a liberdade de pensar, de criar e de agir constitui-se como o desiderato fundamental de um qualquer processo de ensino e aprendizagem. O saber, e a ciência que o alimenta e questiona, constituem-se, de facto, como os esteios fundamentais, quer para o desenvolvimento de sociedades verdadeiramente democráticas, sustentáveis e esclarecidas, quer para a afirmação de cada cidadão como sujeito da sua própria história, determinando trajetórias de mobilidade social e processos objetivos de transformação de si e do mundo.

O contexto universitário é o *locus* fundamental para a conquista exigente de um saber transformador e da voz legitimada que ele autoriza. Mas é também, e sobretudo, o espaço de aprendizagem do que significa ser livre. Uma liberdade que decorre, não

primordialmente da ação, mas antes do pensamento crítico que a sustenta. Uma capacidade de pensar que só se estimula e consolida quando se proporciona o acesso a (in)formação de qualidade e a oportunidade para uma reflexão aberta e depurada de vieses ideológicos, em prol de conhecimento cientificamente validado, como fundamento para posições que não se confundem com meras opiniões. A ponderação do que se ensina, e a quem — e como — se ensina, adquire, pois, uma importância crucial, sobretudo em sociedades saturadas de «sentidos», de informação e de «verdades» construídas.

A verdadeira Liberdade pressupõe, em primeiro lugar, a consciência dos limites. Dos limites éticos e relacionais, que devem enquadrar a tomada de decisão, ancorada em valores de respeito pela dignidade de todo o ser humano e do que

comporta de único e de universal. Mas também a consciência dos limites do que se sabe, ou julga saber, para um contínuo aperfeiçoamento de si e do mundo.

Uma escola de e para a liberdade é, nesta perspetiva, aquela que gera as oportunidades para a partilha de conceções distintas e não excludentes, que promove a reflexividade e a palavra ponderada, que incentiva escolhas pautadas pela justeza, em prol da criação, conseqüente, implicada e responsável, de oportunidades e de ação. Uma escola que inspira à descoberta e à criação, concebendo o erro como etapa essencial de aprendizagem, e que, como tal, instiga ao posicionamento consciente e à exigência de saber sempre mais e melhor. Assume-se, sob tais pressupostos, uma perspetiva de liberdade como catalisadora de «perfetibilidade». A busca de aperfeiçoamento ao longo da vida e da construção de uma história, pessoal e social, sem dissociações, num fluir iterativo de contínua abertura a novas aprendizagens e a novas formas de ser, de estar e de (inter)agir. Uma caminhada para um pensamento e uma ação que não ficam aprisionadas no presente, mas que se projetam para um espaço de memória e de futuro desejado, com respeito pelas pessoas, pelo ambiente e pelo património social e histórico. Deste modo, a universidade, como espaço referencial de produção de ciência e de partilha de saber, possui e reconstrói continuamente uma Voz, contribuindo para o estímulo à cidadania esclarecida, à defesa de causas justas e à afirmação da palavra refletida e da escuta ativa e dignificante. A Universidade de Coimbra (UC), ao longo da sua história secular, tem-se

A ponderação do que se ensina, e a quem — e como — se ensina, adquire, pois, uma importância crucial, sobretudo em sociedades saturadas de «sentidos», de informação e de «verdades» construídas.

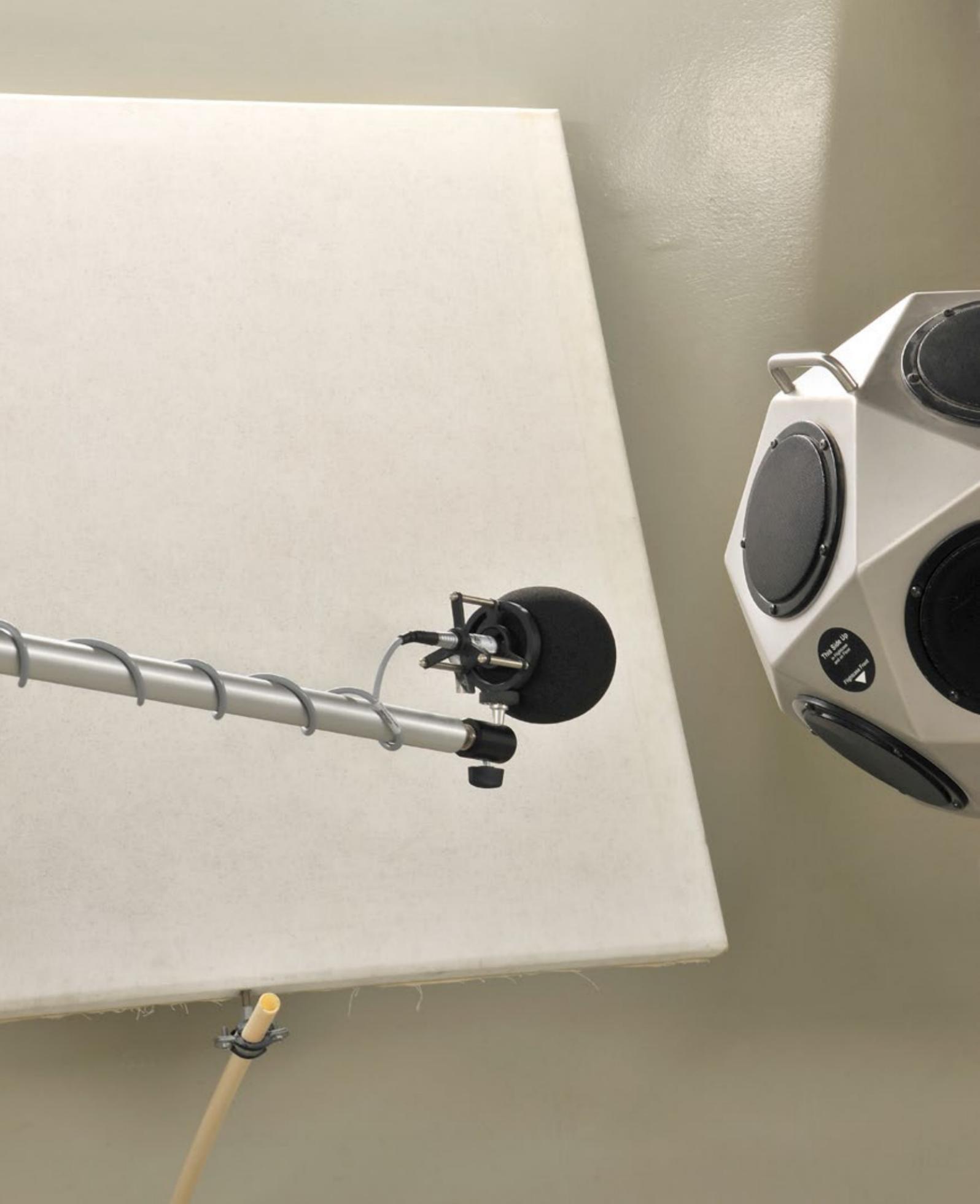
pautado pela convicção de que a educação é a via mais adequada e consistente para uma cidadania global inteligente e para a fruição de liberdade substantiva, eixos essenciais para a efetivação de uma educação de qualidade, de combate às desigualdades e de construção da paz e de instituições justas (ODS).

No contexto atual, a concretização de uma tal prerrogativa exige, cada vez mais, uma tomada de posição e adaptação às transformações contextuais aceleradas. De forma sábia e responsável, a UC identifica, em cada momento, o que é preciso transformar para preservar o seu papel na construção de desenvolvimento ética, científica e socialmente pertinente, e o que é preciso criar para inovar e reforçar referenciais identitários, princípios e valores estruturantes. Neste sentido, no domínio académico, tem vindo a desenvolver-se uma reflexão sobre a relevância da oferta formativa da UC, a modernização de processos de lecionação — nomeadamente atra-

vés da criação de salas tecnológicas e de plataformas digitais de ensino e de avaliação —, o desenvolvimento de dinâmicas multifacetadas de acolhimento e integração de estudantes e de novos docentes, a promoção de participação cívica, de bem-estar, de sucesso académico e de prevenção do abandono e a formação para incremento da inovação pedagógica. Tais processos continuarão a constituir-se como o mote de ação para o corrente ano letivo. O grande objetivo é revisitar [o Processo de] Bolonha, procurando inovar no modo como se ensina e como se identifica o que é essencial e acessório, mas mantendo a substância do que se aprende, preservando os princípios de rigor, de cultura, de universalidade e de diversidade, que não se coadunam com o aqui e agora como referências temporais únicas. Neste contexto, adquire particular relevância a discussão sobre a evolução rápida das ferramentas de Inteligência Artificial (IA) e o modo como se imiscuem e podem ser, por um lado, potenciadas e, por outro, limitadas no domínio da pedagogia. Este debate e a formação para o bom uso da tecnologia constituir-se-ão como elementos centrais para a intervenção na área pedagógica e académica.

Em última instância, pretende-se edificar uma Universidade que sabe estruturar a sua voz num mundo em mudança, não a negando ou diabolizando, mas usando-a de forma inteligente, mantendo referenciais de sentido ético e preservando o espaço para o inesperado e para a inspiração.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para o Ensino e a Atratividade



INTERNACIONALIZAÇÃO DA UC: PRIORIDADES

JOÃO NUNO CALVÃO DA SILVA *

Não obstante a importância do inglês, a língua portuguesa é a marca de água da Universidade de Coimbra (UC), universidade classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade também por essa dimensão histórica e cultural.

Desta sorte, o *Brasil* será sempre a prioridade da *Alma Mater* das universidades de língua portuguesa, sendo nosso objetivo alcançar uma presença bem (mais) visível neste país irmão. Também o aprofundamento das relações com os *PALOP* e *Timor-Leste* é fundamental para a centralidade que a UC deve assumir: a Cátedra UNESCO «Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa» e as ações de formação ministradas a altos magistrados e quadros da administração pública, em especial através da Academia Sino-Lusófona e na sequência de protocolos com pres-

Elo do mundo de língua portuguesa, a UC assume-se como referência global ao suscitar o interesse de Estados como a China.

tigiosas entidades mauberes e da África lusófona, serão incontornáveis no reforço do prestígio internacional da UC.

Elo do mundo de língua portuguesa, a UC assume-se como referência global ao suscitar o interesse de Estados como a China. Destarte, no ano em que assinalamos os 45 anos de relações diplomáticas entre a República de Portugal e a República Popular da China, intensificaremos a cooperação académica, científica e empresarial, designadamente através de *Macau*, da Academia Sino Lusófona e do Instituto Confúcio.

Na *União Europeia*, realçamos a consolidação do *campus EC2U*, símbolo do compromisso firme da UC com os valores do projeto europeu: democracia, liberdade e solidariedade. Solidariedade particularmente importante na época turbulenta que o mundo vive e que a nossa Universidade bem concretiza com o acolhimento de refugiados da Ucrânia e, em geral, através do *Fundo de Apoio aos Refugiados*. Por fim, insistiremos na *Rede Alumni*, com mais Embaixadores, alargamento de parcerias associadas ao cartão de membro e apoio das atividades das Associações de Antigos Estudantes, porquanto estes são, seguramente, o nosso mais valioso património.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Relações Externas e *Alumni*



PAULO PEIXOTO *

A VOZ É AÇÃO E LIBERDADE

Essa voz, certamente, pertence a uma pessoa única, insubstituível como toda a pessoa. Mas uma voz não é uma pessoa; é algo que permanece suspenso no ar, separado da solidez das coisas. A voz também é única e insubstituível, mas talvez de maneira diferente da pessoa: elas podem não se parecer, a voz e a pessoa. Ou se parecerem de uma maneira secreta, que não percebemos à primeira vista: a voz poderia ser o equivalente do que a pessoa tem de mais escondido e verdadeiro. (...)

Uma voz põe em jogo a úvula, a saliva, a infância, a pátina da existência vivida, as intenções da mente, o prazer de dar uma forma própria às ondas sonoras.

Italo Calvino, Um Rei à Escuta
(in Sob o Sol Jaguar)

Uma das frases mais conhecidas de Kristin Linklater, que se celebrizou como treinadora vocal, lembra-nos de que «libertar a voz é libertar uma pessoa». Seguindo esse apoftegma, na perspectiva sociológica que queremos dar a este texto, aproximamo-nos da conceção de Alain Touraine expressa em *A Voz e o Olhar* para: enfatizarmos o sentido metafórico da expressão «ter uma voz»; para relevarmos a importância da voz como fator de emancipação; e para darmos conta da sua função de fio condutor dos movimentos sociais que transformam as sociedades em que vivemos. Diríamos, seguindo o sociólogo francês, e nos ecos dos 50 anos de Abril, que **a voz é ação e liberdade**. A conhecida expressão «só lhe falta falar», quando aplicada aos animais que revelam uma inteligência dis-

tintiva, destaca a importância da voz como fator essencial da condição e da identidade humanas. Porém, nem todas as vozes têm o mesmo valor em todos os contextos. No campo acústico e no espaço social da voz, a palavra e o silêncio são mecanismos de poder e indicadores de assimetrias e de vulnerabilidades sociais. A voz, como instrumento de contestação ou de afirmação, é social e politicamente regulada, impondo limites variáveis à ação e à liberdade. A palavra e o silêncio podem ser tanto uma opção quanto uma obrigação, e só o contexto lhes confere verdadeiramente o sentido de lugar de fala. Não raras vezes, o silêncio é um lugar de poder apenas acessível às elites.

Se «ter uma voz» é um requisito necessário para que se possa reivindicar uma posição social, para que se possam exercer os direitos de cidadania e para que se possa roborar a democracia, sem dúvida, a missão acústica da sociologia orienta-se primordialmente para analisar a condição dos inaudíveis, das minorias, dos vulneráveis, dos subalternos, assim como a voz que cai nas ruas e nas vias da sociedade digital. Não ter uma voz significa, recorrentemente, não ser ou não poder ser ouvido, mesmo perante esforços incomensuráveis para rasgar o silêncio e fugir dos lugares de silenciamento.

Se, há 100 anos, as mulheres inglesas estavam excluídas da rádio sob o pretexto de incompatibilidade técnica (a sua voz era, alegadamente, demasiado aguda para se adequar aos padrões radiofónicos); se persistem fenómenos e contextos em que outros falam em nome

Não ter uma voz significa, recorrentemente, não ser ou não poder ser ouvido, mesmo perante esforços incomensuráveis para rasgar o silêncio e fugir dos lugares de silenciamento.

de alguém; se o idadismo, seja em relação aos idosos, seja em relação a crianças e jovens, é um preconceito que limita e que deslegitima vozes instrumentalmente menoscabadas; se, nas sociedades multiculturais, a possibilidade de falar a sua língua materna está sitiada, impedindo o acesso aos direitos de cidadania; se os processos de reeducação e de transformação da voz, em contextos de mudança de identidade sexual, enfrentam barreiras de difícil transposição; é forçoso escrutinar os filtros, os processadores e os amplificadores de voz que limitam a ação e a liberdade. Numa perspetiva civilizacional, a era da escrita está a dar lugar à era da voz. A sociedade digital e a interação com os dispositivos tecnológicos

e com os instrumentos da inteligência artificial estão cada vez mais ancorados nos comandos de voz. Os robôs e os dispositivos da Internet das coisas estão um passo à frente dos animais a quem «só lhes falta falar». Assistentes virtuais (Siri, Assistente Google, Alexa, Cortana, etc.), carros conectados (que disponibilizam controlo por voz para navegação, realização de chamadas telefónicas, reprodução de música, condução, etc.), controlo de casa inteligente (lâmpadas, termostatos, fechaduras eletrónicas, mobiliário inteligente, etc., controlados por comandos de voz quando integrados a assistentes virtuais), *smartphones* e *smart TV* (que incorporam crescentemente o reconhecimento de voz para proporcionar experiências mais intuitivas ao usuário), entre muitos outros, revelam o lugar central da voz nas dinâmicas do quotidiano.

Tudo isto faz com que o campo conceptual da voz seja cada vez mais complexo, extenso e transversal a várias disciplinas. Neste campo, a sociologia permanece como uma ciência à escuta. Umhas vezes funcionando como equalizador, outras como amplificador, mas sempre com o objetivo de democratizar o uso da voz e de potenciar a liberdade de expressão. Quando um coro de vozes ecoa e as vozes individuais se convertem em ondas sonoras que anunciam ação, está definida uma frequência relevante para ser sintonizada pela sociologia.

* Pró-reitor da Universidade de Coimbra para a Inovação Pedagógica

VOZ ESTRATÉGICA – CONCERTANDO O PLANEAMENTO SUSTENTÁVEL PARA UM FUTURO RESILIENTE

PATRÍCIA PEREIRA DA SILVA *

Da intersecção entre planeamento estratégico e sustentabilidade emerge uma sinergia poderosa capaz de moldar não apenas o devir das organizações, mas também o impacto que estas têm no mundo. Essa sinergia, essencial para um progresso consistente, redefine objetivos e recontextualiza a noção de sucesso.

Entendeu, novamente, o Reitor da Universidade de Coimbra (UC), convidar-me para gerir o pelouro do Planeamento, acrescentando-lhe a vertente Sustentabilidade. É nesta conjunção que, desde o dia 1 de março de 2023, em contínuo empenho de aperfeiçoamento, desenvolvo a minha função. Para enfatizar que o porvir reside inequivocamente nas *pessoas* e no compromisso coletivo, nasceu a divisa «Juntos pelo Futuro da UC!».

O cerne do planeamento estratégico sempre foi moldar o amanhã das

organizações. Em 2019 — e, agora, quatro anos volvidos —, voltamos a dar voz à comunidade da UC e aos *stakeholders* que com ela mais interagem, com o objetivo de construir um Plano Estratégico e de Ação (PEA) para o mandato 2023-2027. A taxa de execução das metas que a UC se propôs alcançar em 2019 superou os 90%, pese embora nenhum dos vários cenários e estudos prospetivos, à época esboçados, anteviesse uma pandemia. O novo PEA precisa de ser ratificado pelo Conselho Geral, órgão de Governo da Universidade, ao qual incumbe aprovar os planos estratégicos de médio prazo e de ação para o quadriénio do mandato do Reitor, como preceituam os estatutos da UC.

No entanto, o atual panorama global exige uma abordagem mais holística. A voz estratégica, permeada pela sustentabilidade, transcende

Na UC, temos exemplos de inovação, como a implementação de tecnologias sustentáveis, a redução do desperdício e a promoção de cadeias éticas de abastecimento, que evidenciam a eficácia do planeamento estratégico na condução de mudanças positivas.

o tradicional foco no benefício, passando a integrar o pilar fundamental da responsabilidade ambiental e social. Vivemos hoje num contexto de guerras e de incertezas políticas e financeiras, o que impacta inevitavelmente a nossa atividade.

O enlace entre planeamento estratégico e sustentabilidade reclama uma reconfiguração de valores e metas organizacionais. Não se trata somente do resultado imediato, mas, outrossim, de perseguir o equilíbrio entre desenvolvimento económico, preservação ambiental e justiça social. A incorporação destas dimensões no planeamento estratégico promove vantagem competitiva, resiliência e perenidade. O reiterado reconhecimento internacional da UC, enquanto instituição de ensino superior mais sustentável em Portugal e em organismos de relevo mundiais, surge em consequência de tal visão, como voltaram a mostrar os resultados da última edição dos *Times Higher Education Impact Rankings*, de par com *rankings* mais recentes, como o *Quacquarelli Symonds World University Ranking 2024 (QS WUR)*, que pela primeira vez integrou o indicador *Sustainability*.

Na UC, temos exemplos de inovação, como a implementação de

tecnologias sustentáveis, a redução do desperdício e a promoção de cadeias éticas de abastecimento, que evidenciam a eficácia do planeamento estratégico na condução de mudanças positivas.

Contudo, esta transição não é isenta de desafios. Do confronto entre curto e longo prazo, resistência interna às mudanças e custos iniciais, surgem barreiras significativas. Superá-las exige liderança visionária, educação e investimento estratégico, em vista de um futuro sustentável.

Portanto, a voz estratégica que enuncia planeamento e sustentabilidade não é apenas desejável, mas sobremaneira imperativa. A convergência entre visão estratégica e responsabilidade global orienta não só o êxito organizacional, como influencia de modo positivo o mundo ao nosso redor.

Temos pretendido amplificar essa voz, incitando reflexões e ações públicas que inspirem tanto académicos como agentes de mudança comprometidos com a construção de um mundo onde o sucesso esteja intrinsecamente ligado à responsabilidade social e ambiental.

* Pró-Reitora da Universidade de Coimbra para o Planeamento e a Sustentabilidade



Câmaras reverberantes, ITECONS

NUNO MENDONÇA *

UNIVERSIDADE DE COIMBRA: UM LEGADO DE INOVAÇÃO E COMPROMISSO COM A EXCELÊNCIA

A Universidade de Coimbra (UC), uma instituição com séculos de história, destaca-se como uma das mais antigas e prestigiadas universidades da Europa. Mais do que sua rica tradição, a UC é um ícone de inovação e excelência académica, moldando constantemente o futuro através de investigação pioneira, empreendedorismo e colaborações estratégicas. Afirmando-se como uma universidade de investigação, a UC, através da sua comunidade científica e administrativa, trabalha árdua e diariamente num processo de melhoria contínua, centrado na excelência e na transferência de conhecimento à comunidade. Fruto do caminho percorrido nos últimos anos, a UC Business demonstra hoje a maturidade institucional da UC em promover a inovação e a colaboração com o mundo empresarial. A univer-

sidade valoriza a tecnologia com as suas 405 patentes ativas e participa ativamente em projetos de transferência de conhecimento. Esta divisão tem vindo a promover múltiplas interações com empresas e entidades públicas, gerando contratos significativos e impulsionando uma economia baseada no conhecimento. Em maio de 2023, a UC contratualizou o seu segundo maior licenciamento de tecnologia direto a uma empresa nacional, em valores absolutos, e, desde 2020, regista uma média de 900 mil euros/ano em receita no que diz respeito a direitos de propriedade intelectual, devidamente partilhados com os inventores no proporcional definido em regulamento próprio. Paralelamente, a participação da UC em diversos Centros de Tecnologia e Inovação, devidamente reconhe-



cidos pela Agência Nacional de Inovação, permite a dinamização da evolução das tecnologias desenvolvidas internamente, promovendo a valorização tecnológica e reforçando o sucesso de implementação das mesmas no mercado.

Com o Portal UC Lab como porta de entrada, a UC Business promove a criação e consolidação de (novas) Plataformas Tecnológicas e de Serviços, expandindo o ecossistema UC de excelência científica.

O conhecimento científico da UC deve estar cada vez mais ao dispor da sociedade. O reconhecimento, pela União Europeia, como membro de uma comunidade piloto de nível europeu na área da Indústria 5.0, fruto de uma manifestação de interesse apresentada por um grupo multidisciplinar de investigadores apoiados pela UC Business em conjunto com a Altice Labs e a Iberomoldes, ilustra um importante modelo de colaboração conjunta com a indústria para desenhar as fronteiras do amanhã, sendo prova de que o conhecimento científico aqui produzido merece o reconhecimento da sociedade ao mais alto nível.

Complementando todo este posicionamento institucional, a estreita articulação com *clusters* empresariais e entidades nacionais, como a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) e a Agência para a Competitividade e Inovação (IAPMEI), tem permitido a participação em feiras e eventos de referência mundial, entre as quais a Hannover Messe.

Assim, reflexo direto de todo o trabalho em desenvolvimento, é possível encontrar nos *rankings* internacionais o devido reconhecimento deste desempenho institucional,

(...) é possível encontrar nos *rankings* internacionais o devido reconhecimento deste desempenho institucional, nomeadamente no posicionamento nas melhores 500 Universidades do Mundo, e n.º 1 em Portugal, (...)

nomeadamente no posicionamento nas melhores 500 Universidades do Mundo, e n.º 1 em Portugal, pelo THE WUR 2024, sendo que no ODS9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura) se posicionou no 290.º lugar no mundo.

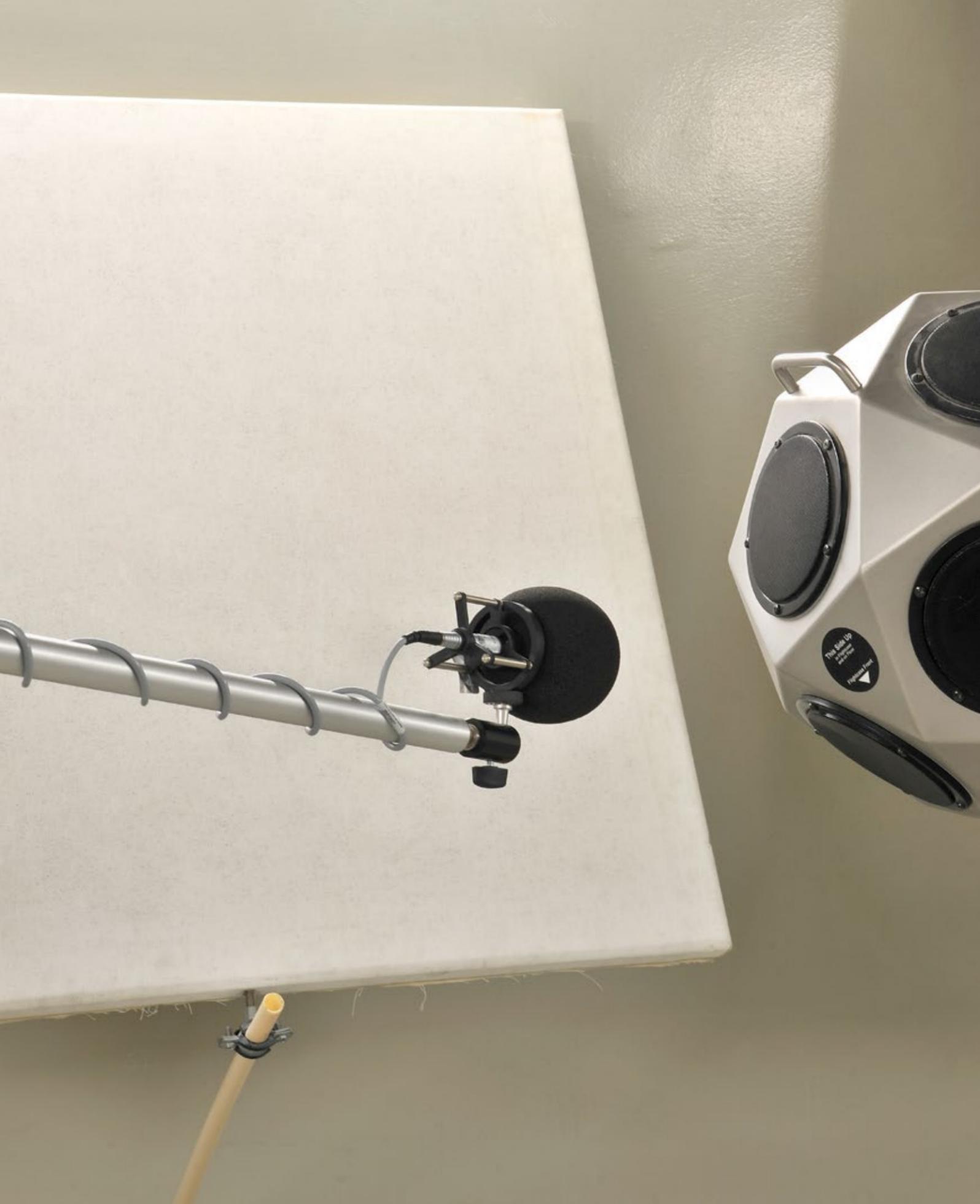
Mas a UC não limita a relação com entidades externas apenas à inovação, transferência de conhecimento e captação de investimento. Acima de tudo, e diretamente associada à primeira missão desta instituição secular, a capacitação dos alunos assume-se como o papel fundacional. Neste sentido, nos cuidados com a

empregabilidade e preparação para o futuro dos líderes de amanhã, a UC pretende reforçar, ainda mais, a atratividade dos seus estudantes em processos de contratação. Neste sentido, a realização de eventos como a Feira de Emprego UC & AAC, onde os estudantes podem conectar-se com potenciais empregadores e demonstrar as suas aptidões e os seus conhecimentos, é um dos expoentes máximos desta preparação. Como prova desta dedicação de ambas as instituições, os indicadores associados à edição de 2023, após seis anos de interregno — na qual foi possível a participação de 80 entidades contratantes e acima dos 2000 participantes —, dizem-nos que este é um caminho que vale a pena ser percorrido.

Finalmente, a implementação do *campus* da UC na Figueira da Foz, com foco na Economia do Mar e nas Alterações Climáticas, simboliza o compromisso da universidade com o desenvolvimento regional e a investigação aplicada. Este *campus* reflete a habilidade da UC em responder às necessidades da sociedade e da economia, fortalecendo a sua liderança em inovação e investigação.

Em suma, a UC é um farol de inovação e excelência académica. A sua abordagem holística, que abrange desde a educação de alta qualidade até parcerias estratégicas e transferência de conhecimento, solidifica o seu papel não apenas no cenário educacional, mas também no desenvolvimento socioeconómico global.

* Pró-reitor da Universidade de Coimbra para a Relação com as Empresas

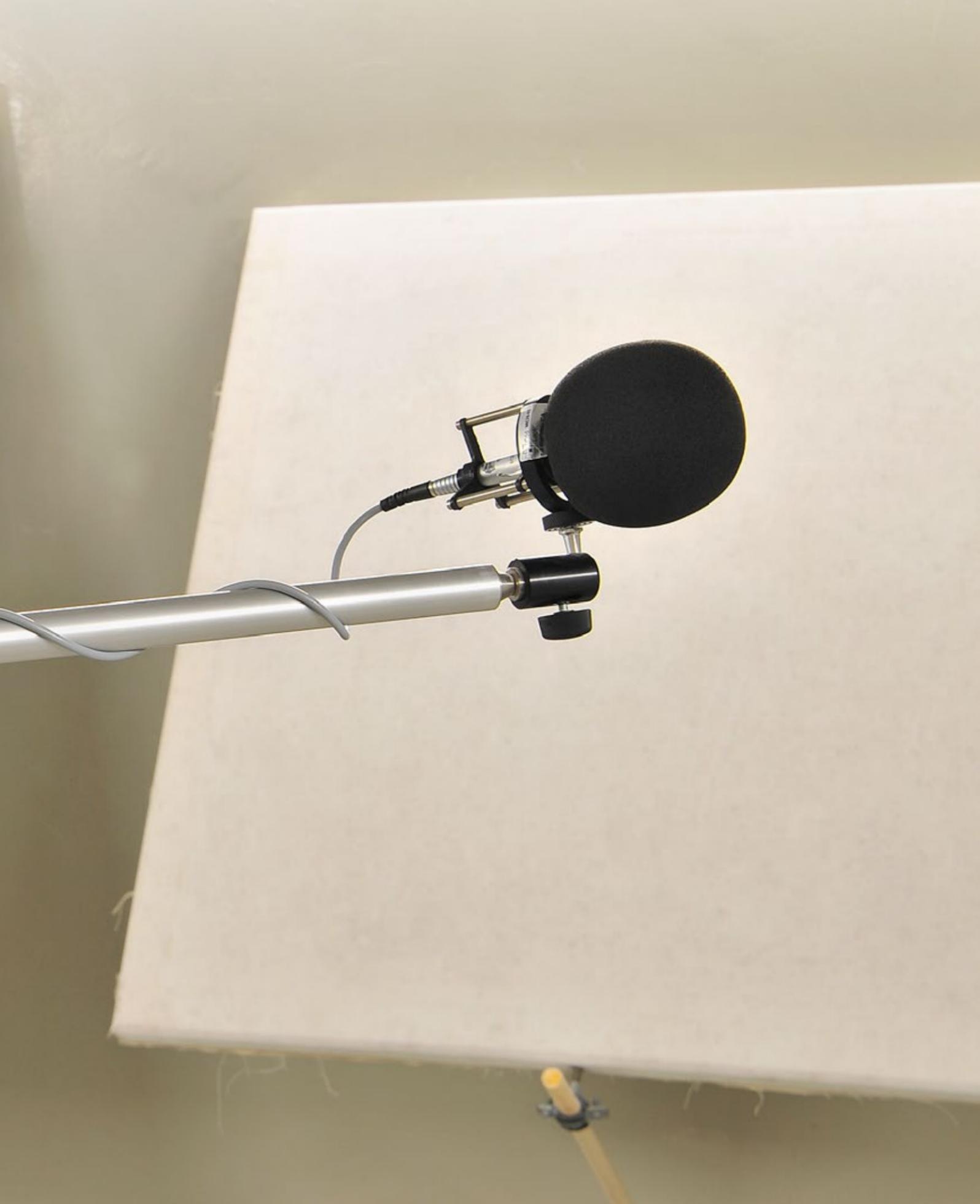


FILIPA GODINHO *

A VOZ DO DESPORTO NA SOCIEDADE

A Universidade de Coimbra (UC), pioneira na implementação de medidas que promovem a conciliação do percurso académico com o percurso desportivo, enquadrou, pela primeira vez, em 6 de outubro de 2016, o estatuto do Estudante-A atleta. Numa primeira fase, a UC, reconhecendo o importante papel de uma atividade desportiva regida por critérios de qualidade e de rigor na formação completa do estudante, pretendeu dar resposta à necessidade de compatibilização da preparação académica e desportiva, assim como aumentar a quantidade e a qualidade da prática desportiva da comunidade discente. O Regulamento do Estatuto Estudante-A atleta, em vigor há mais de sete anos e atualizado em 2019, é uma importante ferramenta, mas, na verdade, é apenas uma das medidas que a UC implementou neste

âmbito. A estratégia de promoção do desporto como forma de contribuir para uma formação integral, transversal e o mais completa possível do estudante está representada nas inúmeras atividades desportivas que são dinamizadas semanalmente, procurando contribuir para a socialização através da sua prática e para o reforço dos valores que lhe dão forma. Ademais, o enquadramento dos estudantes-atletas para que consigam conciliar o percurso académico com o desportivo passa também por, num patamar mais alto, acompanhar e apoiar os Estudantes-A atletas de Alto Rendimento e Seleções Nacionais. Estes estudantes-atletas, que integram o Programa de Apoio ao Alto Rendimento da UC (PAAR-UC) e representam internacionalmente e com regularidade o país e as suas modalidades, necessitam de um



acompanhamento mais direcionado e regular. Este é um trabalho desenvolvido em parceria com as diferentes Federações Desportivas e com as várias Unidades Orgânicas da UC, em que os estudantes, exemplos de superação e resiliência, são a verdadeira «voz» da disciplina, dos valores e do método de trabalho que devemos promover dentro da academia e que é facilmente transportado para a exigência do mercado de trabalho numa sociedade cada vez mais competitiva. A voz que atribuímos ao desporto, e que mobiliza causas, transporta-nos para um momento histórico da nossa academia: a crise académica de 1969, em que a «Briosa» amplificou a luta estudantil na Final da Taça de Portugal, deixando bem claro que o desporto desempenha um papel fundamental na sociedade, defendendo causas, promovendo a democracia, o respeito,

A voz que
atribuímos ao
desporto, e que
mobiliza causas,
transporta-nos
para um momento
histórico da
nossa academia (...)

a inclusão, o *fair play* e a tolerância. O trabalho que a UC tem desenvolvido nesta matéria foi recentemente reconhecido com a atribuição do Selo Estudante-A atleta, atribuído pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, que pretende (e pretende) estimular o trabalho das Instituições de Ensino Superior na articulação das carreiras duplas, ao mesmo tempo que reconhece as melhores práticas e os

melhores exemplos neste domínio. Além deste reconhecimento, a UC tem agora, também, a responsabilidade de contribuir para medidas que promovam uma melhor conciliação do percurso académico com as exigências do alto rendimento desportivo, passando a integrar o Conselho de Acompanhamento das Unidades de Apoio ao Alto Rendimento no Ensino Superior — promovido pelas Secretarias de Estado do Desporto e da Juventude e do Ensino Superior —, que visa criar um projeto-piloto neste âmbito. As bases para continuarmos a atrair mais estudantes-atletas para a UC, proporcionando-lhes condições para conciliarem ambas as carreiras, estão criadas. O futuro, então, só pode ser de sucesso.

* Pró-Reitora da Universidade de Coimbra para o Desporto



RE
T
R
VIS
R

OFICINA
DOS
SABERES



Comemorar

OS 50 anos do 25 de Abril

Volvidos 50 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974, é possível fazer um balanço sereno do significado desse acontecimento total que mudou a natureza do

país e surpreendeu o mundo.

O conhecimento histórico e o debate cívico da herança multidimensional de Abril são os caminhos mais seguros para que a memória não ceda ao esquecimento. Somos filhos de Abril, mesmo que não tenhamos participado ativamente ou presenciado esse momento superlativo da nossa história. Sem prejuízo dos novos debates que o mundo de hoje nos pede, é na herança fecunda da revolução que abriu caminho à democracia portu-

guesa que podemos encontrar novos horizontes de futuro.

A democracia é uma construção coletiva que emancipou o país e transformou a sociedade portuguesa para melhor. A conquista das liberdades, a independência dos povos coloniais e a construção constitucional de direitos sociais de cidadania foram realidades essenciais e de extraordinária importância para um país amordaçado e longe, muito longe da modernidade que muitos ansiavam.

Em pouco tempo, o país ultramarino e integrista tornou-se europeu e abriu caminho a uma modernidade que nunca conhecera. A construção de um Estado-providência democrático, que Portugal jamais tivera, fez cair a pobreza e o analfabetismo. Em poucos anos, recuou a mortalidade e cresceu a esperança de vida. A assistência pater-

ÁLVARO GARRIDO *

nalista cedeu o caminho a políticas sociais públicas de âmbito universal ligadas a direitos cívicos. A Universidade deixou de ser uma corporação orgânica do regime autoritário, quase confinada a um saber escolástico. Por impulso dos movimentos estudantis e de reformas ousadas, as universidades democratizaram-se e fizeram um admirável caminho de modernização científica e institucional. As práticas sociais e a vida cultural do país transformaram-se muito, também, e a modernidade deixou de ser uma aspiração apenas elitista.

No entanto, apesar do extraordinário progresso que se fez em diversos domínios da vida coletiva, o país tem muito caminho para andar e muitos *abris* para construir. As atuais circunstâncias exigem grandes compromissos, nomeadamente em relação à crise global do ambiente e à imperiosa necessidade de mudarmos o modo como produzimos, distribuímos e consumimos. A batalha da economia é a nova, ou eterna, batalha do futuro e, não menos importante, será o combate a fazer pela redução das desigualdades e pela dignidade humana dos mais desfavorecidos. A encruzilhada de crises que atinge a sociedade atual, a erosão das instituições democráticas e a ansiedade coletiva que se apoderou das novas gerações tornam ainda mais decisiva a herança de Abril e a sua visão do futuro.

O 25 de Abril é, seguramente, o acontecimento mais importante da história contemporânea portuguesa. O seu significado exprimiu-se, antes de mais, por contraste com a

longa noite da ditadura salazarista. Se o *ethos* autoritário do regime e a essência passiva do Estado Novo se centraram no passado, a Revolução de 25 de Abril de 1974, um golpe militar acompanhado de uma revolução popular e de movimentos sociais fulgurantes, mudou a natureza do país e ofereceu-lhe um horizonte de futuro.

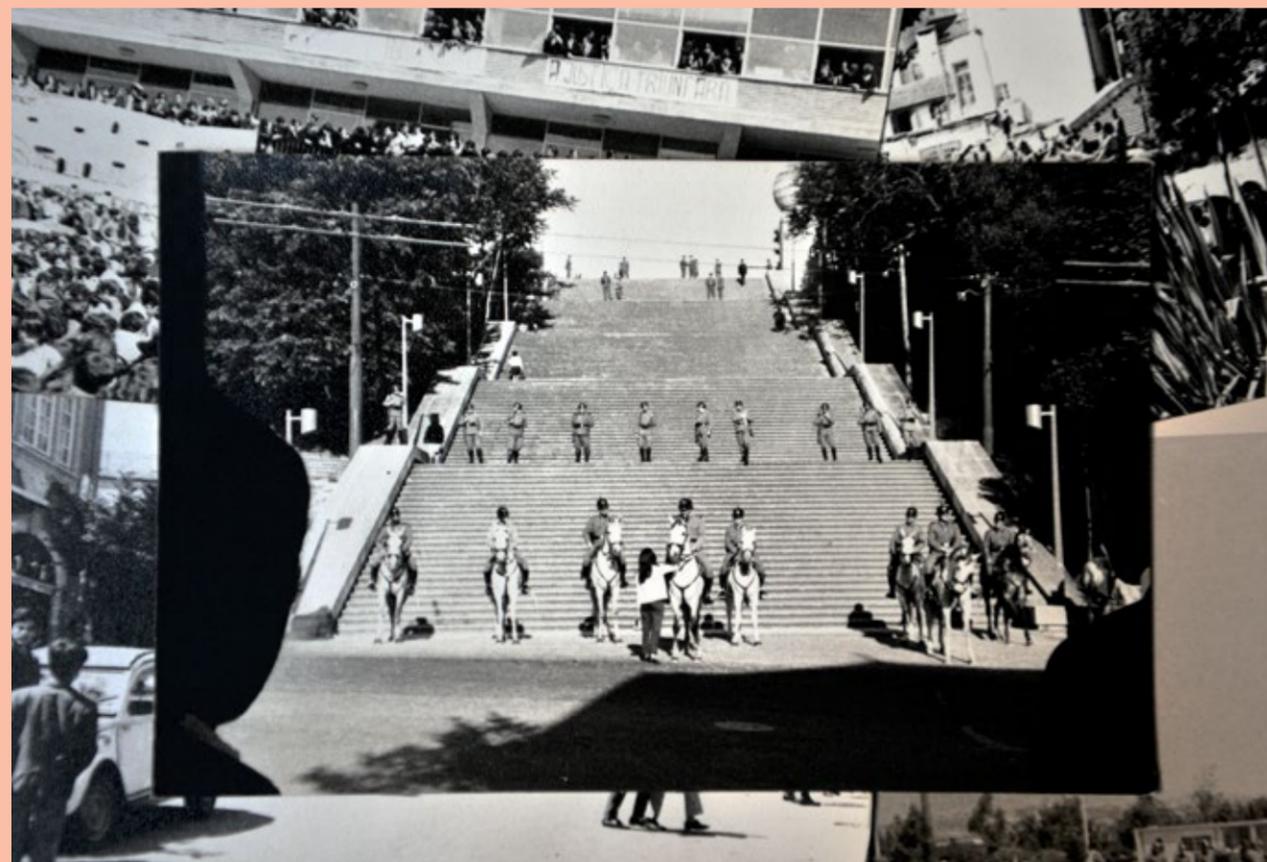
Como advertiu Eduardo Lourenço, «o salazarismo não nasceu do nada. Exprimiu, excelentemente, os interesses e as ideias de uma parte da Nação, aquela eterna parte de um povo a quem o conformismo aproveita porque é incapaz de renovação e de esperança». Essa lição paradoxal de uma memória que se esquece é importante nos dias de hoje, num momento em que a democracia se debate com erros próprios e ameaças hostis.

«Revolução imperfeita», como lhe chamou José Medeiros Ferreira, o 25 de Abril significou uma nova era para a sociedade portuguesa e mudou o destino do país. Apesar da prevalência dos fatores de ordem interna que conduziram ao desassombro do Movimento dos Capitães e à «libertação por golpe» que ofereceram ao país, muitos historiadores e cientistas políticos têm salientado a dimensão internacional do 25 de Abril.

O golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, acompanhado por uma revolução social de extraordinária dimensão e emotividade, teve como motivo fundamental a resolução do impasse colonial e a descolonização. Num momento de viragem da guerra fria, os grandes poderes envolveram-se direta e indiretamente nos aconteci-

O 25 de Abril é, seguramente, o acontecimento mais importante da história contemporânea

«Revolução imperfeita», como lhe chamou José Medeiros Ferreira, o 25 de Abril significou uma nova era para a sociedade portuguesa e mudou o destino do país.



Espólio Fernando A. Almeida, Crise 69, CD25A

mentos revolucionários portugueses e acompanharam com expectativa o desfecho do Processo Revolucionário em Curso (PREC). O colapso súbito da ditadura de maior longevidade na Europa do século XX e a queda de um império colonial que remontava ao século XV foram acontecimentos de grande projeção internacional. Segundo Samuel Huntington, o 25 de Abril abriu caminho à última vaga de processos de democratização do século XX. Na verdade, antecipou por uns meses o fim da ditadura militar grega, ocorreu dois anos antes da transição democrática pactuada em Espanha e antecedeu outras mudanças políticas, de sen-

tido semelhante, na América Latina e, de certo modo, na Europa de leste. O 25 de Abril foi o lugar de todas as utopias. Num «Portugal amordaçado», como lhe chamou Mário Soares, a poesia e a política saíram à rua. Exuberante no confronto de ideias que provocou e nas clivagens políticas que reabriu, a Revolução dos Cravos trouxe, também, um projeto de transição falhada para o socialismo cujos debates importa conhecer regressando à raiz das ideias. De tudo isto — e de uma imensa transformação política e socio-cultural do país — se faz a memória de Abril. Apesar de estarmos a comemorar um acontecimento contundente e de forte significado

histórico, a sua memória continua a ser frágil e pede o empenho dos cidadãos e das instituições. Na sua tradição humanista e numa expressão de forte compromisso com a sociedade, a Universidade de Coimbra (UC) empenhou-se em promover um conjunto de iniciativas culturais e científicas destinadas a comemorar meio século de Democracia. Esse programa de atividades (debates, conferências, exposições, entre outras iniciativas) é coerente com os valores universais da UC e honra o nosso compromisso com o futuro das novas gerações.

* Diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra



Celso Cruzeiro convida os estudantes a entrar no edifício, 17 de Abril, Arquivo Crise Académica-Coimbra 1969, BJUC

VOZES

JORGE CASTILHO *

Ao princípio da tarde quente de 17 de Julho de 1949, quem passava na Rua do Arco de Almedina (na fronteira entre a Alta e a Baixa de Coimbra) decerto escutou o vagido que saía pela janela do 2.º andar do n.º 28. Acabado de dar à luz (ali mesmo, em casa, como era comum naquela época), foi essa a primeira vez que usei **a minha voz**...

E é a ela que recorro — assim, por escrito —, para aqui evocar **outras vozes** e suas circunstâncias. Algumas das muitas que me marcaram desde então, ao longo de mais de sete décadas que já levo de vencida — o que me concede o privilégio de ter testemunhado, directa ou indirectamente, muitos factos relevantes da segunda metade do século XX e de quase um quartel do século XXI. Começo pela **voz forte, grave, de meu Pai**, José Castilho — jornalista, escritor, poeta, domador de palavras, escultor de belos poemas e enérgicas frases.

Retrocedo a 1961, ano em que dele fui ouvindo comentários esperan-

çosos na mudança do regime político. Ditos **em voz baixa**, porque a PIDE tinha informadores por todo o lado e ele já antes tinha sido preso por essa polícia política... Eu, com despreocupados 12 anos, começava a despertar para a importância das coisas. E quantas coisas invulgares aconteceram nesse *annus horribilis* para o salazarismo!

Em Janeiro, foi o assalto ao paquete *Santa Maria*, por um grupo liderado por Henrique Galvão (militar que apoiara a Revolução de 28 de Maio de 1926, mas que viria a romper com o regime salazarista, tornando-se um dos seus mais activos opositores). O navio acabou por rumar ao Brasil, onde os revoltosos se exilaram. E, pela primeira vez ouvi, na rádio, **a voz fininha de Salazar**, em tom triunfal: «Temos o *Santa Maria* conosco! Obrigado, portugueses!». Poucos dias volvidos, em 4 de Fevereiro, duas centenas de nacionalistas angolanos tentaram, em Luanda, assaltar duas prisões e ocupar a Emissora Oficial de Angola

Tal como ouvi,
na televisão,
a voz irada e
ameaçadora de
José Hermano Saraiva,
então Ministro da
Educação, a garantir
que a ordem ia ser
reposta na Academia
de Coimbra... Não foi!

Assembleia Magna - Greve aos Exames,
28 de Maio, Arquivo Crise Académica-Coimbra 1969, B/JUC

e uma estação de correios. Não conseguiram, mas o mote estava dado. No mês seguinte, acontecia o levantamento armado de milhares de angolanos na zona Norte, com cruel chacina de muitas centenas de colonos brancos e das suas famílias. Foi nessa altura que no canal único da televisão portuguesa, a preto e branco, surgiu Salazar (antigo Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra — UC — e que liderava o Governo desde 1932), clamando: «Para Angola, rapidamente e em força!». Assim se iniciava a chamada Guerra Colonial, que pouco depois alastrou a Moçambique e à Guiné.

(Uma guerra que viria a prolongar-se por cerca de 14 anos, para a qual foram sendo mobilizados a maior parte dos rapazes na casa dos 20 anos, em comissões de, pelo menos, 24 meses em África. Eu estive 26 meses em Angola. Nas três frentes, morreram cerca de 10 mil militares portugueses e muitas dezenas de milhares de nacionalistas de vários movimentos independentistas. Muitos dos que nela participaram regressaram a Portugal feridos, se não no corpo, pelo menos com mazelas na mente...).

Ainda em 1961, em Novembro, mais uma arrojada acção contra o regime: o pioneiro desvio de um avião da TAP, por um grupo armado sob o comando de Hermínio da Palma Inácio, obrigando o piloto a sobrevoar Lisboa e outras cidades, a baixa altitude, para lançar milhares de panfletos com mensagens contra o Estado Novo

(Palma Inácio voltaria a estar em foco em 1967, quando liderou um bem-sucedido assalto ao Banco de Portugal, na Figueira da Foz, com fuga numa avioneta desviada do Aeródromo de Cernache, em Coimbra).

E 1961 terminaria com outro rude golpe para a Ditadura salazarista: a União Indiana invadiu e anexou os territórios de Goa, Damão e Diu, que há 450 anos eram possessões portuguesas.

Logo no início de 1962, acontece o assalto ao quartel de Beja, uma arrojada operação armada, sob o comando do capitão Varela Gomes, que foi rapidamente dominada. Em Março desse ano, eclode a primeira grande Crise Académica, em Coimbra e Lisboa, originada pela proibição das celebrações do Dia do Estudante, com violência policial e prisão de muitos dos que ousaram manifestar-se.

Uma crise em que **sobressaíram as vozes** de alguns jovens que viriam a ser figuras centrais da política portuguesa — como, por exemplo, Jorge Sampaio, Mário Sottomayor Cardia ou António Correia de Campos (então tesoureiro da AAC).

É neste ano que a conservadora Igreja Católica é agitada pelo Concílio Vaticano II, onde avulta **a inovadora voz do Papa João XXIII**.

A década de 1960 é invulgarmente fértil em acontecimentos marcantes nos mais diversos domínios, cuja mera enumeração aqui ocuparia espaço em demasia.

Referirei apenas alguns dos mais relevantes — além das **vozes dos The Beatles...**



Dando cumprimento ao Luto Académico, Maio, Arquivo Crise Académica-Coimbra 1969, BJC

Em Maio de 1968, França fica a ferro e fogo, depois de uma revolta estudantil na Universidade da Sorbonne, que rapidamente se estendeu ao operariado e alastrou por todo o País. Ouviram-se **milhares de vozes a gritar** frases como: «É proibido proibir!» e «Sejamos realistas, exijamos o impossível!».

No nosso País, a Censura Prévica cortava as notícias nos jornais, nas rádios e na televisão; esquartejava os filmes que chegavam até às salas de cinema; proibia canções e peças de teatro; apreendia livros e revistas. Restava o clandestino recurso às rádios que operavam no estrangeiro. E destas saliento a que emitia para Portugal desde Argel, através da **singular e tonitruante voz de Manuel Alegre**: «Fala a Rádio **Voz da Liberdade!**».

Em Agosto do mesmo ano (1968), Salazar caiu da cadeira, vindo a ficar incapaz de governar. Para o substituir é nomeado Marcello Caetano. Pareceu uma lufada de ar fresco no velho Estado Novo, com **voz sorridente e amistosa** em regulares *Conversas em Família* na televisão, prometendo «evolução na continuidade». A verdade é que houve mais continuidade do que evolução, com mera mudança de nomes, sem diferença nos métodos: a PIDE passou a chamar-se DGS, a Censura foi disfarçada de Exame Prévico.

E chega o dia 17 de Abril de 1969. Eu ainda era estudante, mas já era jornalista (em 1 de Março desse ano, ingressara no *Jornal de Notícias*). Vivi nessa dupla condição a ceri-

mónia inaugural do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. Ouvi a **voz firme de Alberto Martins** a pedir a palavra, escutei a **voz atarantada do presidente [Américo] Tomás** a responder-lhe. Ouvi, depois as **vozes dos estudantes** — a protestar quando a comitiva presidencial abandonou a sala, a reivindicar quando fizeram a sua peculiar inauguração. Tal como ouvi, na televisão, a **voz irada e ameaçadora** de José Hermano Saraiva, então Ministro da Educação, a garantir que a ordem ia ser reposta na Academia de Coimbra... Não foi!

Os dirigentes estudantis foram presos, compulsivamente incorporados no Exército, colocados em diferentes quartéis do País. O Estado Novo espalhou assim, involuntariamente, sementes de democracia, com os milicianos politizados a sensibilizar os oficiais do quadro.

Essas e outras sementes viriam a germinar, cinco anos depois, no 25 de Abril de 1974.

E para isso muito contribuiu a coragem e a determinação que desde sempre caracterizaram os gestos e as **vozes da Academia de Coimbra!**

* Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.



A ACADÉMICA, OS CRAVOS E A CRISE ACADÉMICA DE 1969

RENATO DANIEL *



A esquerda: Cidade Ocupada pela GNR, 2 de Junho, Arquivo Crise Académica-Coimbra, 1969, BJUC
 Páginas anteriores: 1.º dia de Greve aos Exames, 2 de Junho, Arquivo Crise Académica-Coimbra 1969, BJUC

Há momentos na história que perduram para lá do seu tempo e que moldam o destino das gerações futuras. Um destes momentos mágicos e perpétuos ocorreu em Portugal, mais precisamente em 25 de Abril de 1974, quando as flores da liberdade desabrocharam e o país se viu livre das amarras de uma ditadura maquiavélica. No entanto, para entender a magnitude do 25 de Abril, é imperativo retroceder até 1969, à Crise Académica liderada por Alberto Martins, presidente da Associação Académica de Coimbra. Este não foi apenas um conflito estudantil. Foi um grito coletivo contra a opressão, um verdadeiro manifesto destemido pela liberdade e pela democracia. Alberto Martins, audaz e incansável, personificou a resistência contra um regime que tentava sufocar os ideais e sonhos da juventude. A Crise Académica não foi apenas um conflito isolado; foi o pavio aceso que iluminou a escuridão que teimava em persistir. Os estudantes, liderados pelo nosso eterno presidente, desafiaram o sistema com fervor, rumo a um futuro onde a liberdade de expressão deixaria de ser um luxo, mas um verdadeiro direito inalienável. O embate nas ruas de Coimbra foi um prenúncio do que estava por vir. O anseio por uma sociedade justa e livre não podia mais ser contido. A chama da rebeldia que ardeu na Crise Académica tornou-se a faísca que incendiaria a Revolução dos Cravos em 1974. Nós (estudantes de

O vibrante apoio estudantil à Académica foi mais do que uma expressão de paixão pelo futebol – foi um ato de resistência silenciosa, que culminou num golo simbólico contra a opressão.

Coimbra) não ficámos apenas pelo protesto; nós plantámos as sementes da mudança, e regámo-las com coragem e determinação. Num dos momentos mais inesquecíveis desse percurso, a final da Taça de Portugal, em 1969, entre o Benfica e a Académica, houve um episódio emblemático que marcou, para todo o sempre, a história da democracia portuguesa. O vibrante apoio estudantil à Académica foi mais do que uma expressão de paixão pelo futebol – foi um ato de resistência silenciosa, que culminou num golo simbólico contra a opressão. Naquele relvado, a esperança florescia, alimentada pela determinação dos jovens estudantes em desafiar as adversidades. Hoje, quando olhamos para trás, é crucial não apenas recordar, mas também revitalizar o espírito que definiu aqueles tempos. A juventude de hoje herda o legado daqueles que ousaram desafiar o *status quo*. Assim, a celebração dos 50 anos do 25 de Abril em 2024 não deve ser

apenas um olhar nostálgico, mas um incentivo à ação. A luta pela liberdade é intemporal e não pode ser cravada apenas nas páginas de livros como uma história empoeirada. Os jovens de hoje enfrentam desafios distintos, mas a necessidade de vigilância contra qualquer ameaça à democracia persiste. A Crise Académica de 1969 é mais do que um episódio passado. É um lembrete de que a mudança começa com a coragem de desafiar as injustiças. É hora de reacender o espírito de Alberto Martins e dos nossos colegas, mobilizando a juventude para abraçar as causas da liberdade e da democracia. Num mundo onde a apatia ameaça silenciar as vozes, é crucial resistir à indiferença e lutar pela justiça, pelos direitos humanos e pela igualdade. Assim, à medida que nos aproximamos dos 50 anos do 25 de Abril, celebremos não apenas com saudosismo, mas com a determinação renovada de enfrentar os desafios que ainda perduram. A liberdade é uma conquista constante, e a juventude é o farol que guiará a nação para um futuro mais justo e inclusivo. Que os cravos continuem a florescer, inspirando-nos a construir um Portugal onde a liberdade seja mais do que uma data no calendário, mas um verdadeiro momento de reflexão e de emancipação da juventude. Que a juventude se levante!

* Presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra

Ouvvidos e achados

CLARA ALMEIDA SANTOS *
FRANCISCO SENA SANTOS **

Afinal,
a profecia pop
«video killed
the radio star»
não se concretiza.

E a Internet
também não matou
a força da voz.

Talvez até
muito pelo contrário:
a rádio reinventa-se,
recria-se, transforma-se
na passagem das
ondas aos bits.

O som de vozes humanas, propagado pela rádio, com origem numa telefonia clássica, num transístor (daqueles que têm o tamanho de um coração) ou num autorrádio que acompanha trajetos diários, continua a meter-se pelos interstícios da vida e tem sido assim com quase todas as gerações deste último século.

É, por vezes, uma prática que nem precisa de ser procurada. A telefonia está ligada, o som permanece em fundo, a voz chega-nos. Mas, muitas vezes, essa escuta, com a procura de uma voz específica, é uma escolha que corresponde ao nosso envolvimento identitário, faz parte dos bens públicos que acompanham a vida, que nos ligam à atualidade social, cultural e política, configura a nossa participação numa comunidade de afinidades.

A voz que escutamos pela rádio junta-se aos meios através dos quais vivemos a cidadania, proporciona-nos participar na vida do nosso território de todos os dias e, também, entender a vida de mundos mais amplos.

Através da voz, que conta pelo som da rádio, mesmo que apenas em janelas temporais de escuta, construímos a configuração afetiva do quotidiano em que estamos mergulhados. Participamos na atualidade e consolidamos sucessivas camadas de memória.

Desde os anos 90 do século XX, a rádio apropriou-se do poder social das redes digitais: a voz da rádio desconfinou-se dos limites físicos do som que era captado exclusivamente a partir da antena de um emissor hertziano, passando a estar omnipresente em ligação global através da Internet.

A voz no *medium* essencial que é a rádio tradicional, pré-digital, captada no instante da emissão, deixou de ser efémera, perdida no instante em que falou. Passou a poder perdurar no tempo. Através da Internet, passámos a poder encontrá-la no tempo que melhor nos convier. É o *podcast* como derivado da rádio — com o único prejuízo da perda de instantaneidade, mas com o ganho de uma nova relação com o uso do

tempo, portanto com o ganho da memória sempre aberta.

O tempo da voz que começou por ser o da rádio linear passou assim a estar desdobrado.

O *medium* histórico do áudio que é a rádio continua a ser pilar do ecossistema do som, mas deixa de ser exclusivamente sonoro e expande-se no universo aumentado, infinito das plataformas digitais.

Mais uma vez na história da comunicação, depois de vaticinada a sua morte, a rádio sobrevive. Afinal, a profecia *pop* «video killed the radio star» não se concretiza. E a Internet também não matou a força da voz. Talvez até muito pelo contrário: a rádio reinventa-se, recria-se, transforma-se na passagem das ondas aos bits.

A Galáxia Berners-Lee

McLuhan (em *Understanding the Media*, curiosamente de 1974) dividiu a civilização em três períodos: civilização da oralidade, civilização da imprensa e civilização da eletricidade. Assim se categorizava, em etapas sucessivas, a forma como, em cada período, a comunicação, a transmissão de conhecimento, mais significativamente se realizava.

Há 50 anos, já era claro para o autor canadiano como as revoluções tecnológicas são profundamente transformadoras e transversais. Mas há 50 anos, não nos deixou metáfora para o momento que estamos a viver, em que a oralidade ressurgiu esplendorosa em *podcasts*, plataformas de *streaming* de música ou mensagens áudio.

A oralidade, já valorizada por Sócrates por estimular a memória e possibilitar a criação de conhecimento novo, está viva e recomenda-se. Voltando a McLuhan, também ele filósofo. Legou-nos as imagens da Galáxia Gutenberg e da Galáxia Marconi, correspondendo, respetivamente, à civilização da imprensa e da eletricidade. Ousando atualizar as metáforas — precisamos delas como sempre precisámos —, talvez se possa aventar a Galáxia Berners-Lee. O nome do homem que apresentou o protótipo da *world wide web* (ainda antes do século XXI) serve bem o propósito de enquadrar um espaço que se expande como o universo e onde cabem todos os *bits* — unidade mínima de informação — disponibilizados em todos os formatos para já possíveis.

Essa Galáxia pode conter todas as outras que, na transformação digital, foram passadas a combinações infinitas de 0 e 1. Talvez seja mais adequado, então, chamá-lhe Aglomerado Berners-Lee.

«O futuro é o passado que amanece» (Teixeira de Pascoaes)

De regresso à Via Láctea onde todas as outras também são possíveis, há uns meses discutíamos como desenvolver o que nos parece ser um dever fundamental: o de mergulhar na memória que guarda como era a vida em Portugal no tempo imediatamente anterior ao 25 de Abril de 1974, um tempo de não-democracia em que o país vivia sem ideal, os horizontes eram acanhados, a vida era pobre e as liberdades fundamentais estavam suprimidas.

Entendemos que é necessário recolher o conhecimento de quem viveu esse tempo, procurar documentos dessa memória, avivar a memória de quem soube e já esqueceu e contar a quem nunca soube o que era essa realidade da vida em Portugal no tempo final do regime instalado por António Salazar e continuado por Marcello Caetano. Associado a esse conhe-

cimento em primeira mão, entendemos que era necessário trazer também o conhecimento de quem investigou sobre os vários temas que se cruzam na história.

É isto que o projeto «Antes da Revolução» pretende realizar.

A ideia começou a crescer na forma de sons da rádio. Mas ambicionámos explorar mais meios para chegar às pessoas com mais campo de profundidade. Partimos do som dos protagonistas e investigadores/as que, generosamente, oferecem o seu tempo a este projeto e expandimos o abrir de gavetas da memória do tempo antes da Revolução no universo de uma plataforma digital.

«O tempo e o modo»

Começamos a acabar com a referência à revista publicada entre 1963 e 1984, e que também nos serve de eficaz metáfora. No tempo curto dos sete minutos que dura cada episódio de «Antes da Revolução» (emitido pela Antena 1 às segundas-feiras, entre setembro de 2023 e abril de 2024), tentámos condensar largas horas de conversa com os entrevistados. Fica muito de fora, mas conseguimos prolongar um pouco o tempo

na plataforma antesdarevolucao.pt. O que ainda assim sobra é muito e não é, de todo, desperdício. É o que ajuda a construir a narrativa, a densificar os protagonistas, a conhecer as pequenas histórias, o detalhe que fica fora dos estereótipos necessários a qualquer representação.

É com a fortíssima consciência da necessidade de tempo para escutar as vozes, para que a sua voz surja mais justa, que avançamos. Para escutar como se deve, é preciso preparar a escuta, o que requer ainda mais disponibilidade de tempo.

Procurar as várias perspetivas, tal como o fez a revista *O Tempo e o Modo*, é também motivo de consumo voraz desse bem escasso que a cada dia se escoia para voltar a estar disponível no dia seguinte. Esse é também o modo — não repousar no já escutado, no já lido. Procurar, para que outros também possam achar.

É isso que pretendemos. Achados no Portugal da transição para a democracia. Na política, claro. Mas também nas artes e na cultura, nos fenómenos sociais e económicos, na geografia e nos *faits divers*. Vozes de todos os lugares que o humano ocupa.

Para *ouvir* em:
<http://antesdarevolucao.pt>

* Coautora do programa
«Antes da Revolução»
e professora auxiliar no Departamento
de Filosofia, Comunicação e
Informação da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

** Coautor do programa
«Antes da Revolução»,
jornalista e docente de Jornalismo
Radiofónico na ESCS, ETIC e Cenjor

OFICINA DOS
SABERES

RL#58

Ribalta

59



VOZES NA BIBLIOTECA

MANUEL PORTELA *

Imaginamos as bibliotecas como lugares disciplinados de leitura silenciosa, mas a história material e social do livro mostra-nos que as práticas de leitura são muito diversas. Elas variam de acordo com os espaços arquitetônicos e institucionais, com os lugares geográficos e tempos históricos, com as tecnologias da escrita e da circulação da escrita, com as disposições físicas e cognitivas dos corpos que leem. A biblioteca pública estrutura-se através da relação entre uma área de depósito (seja de acesso restrito ou de acesso aberto), onde os livros permanecem fechados, e um espaço partilhado de leitura, no qual os textos se abrem à leitura simultânea por um conjunto de leitores.

A prática da leitura silenciosa instituiu-se como condição necessária para que cada indivíduo pudesse mergulhar sem perturbação da atenção no universo de signos à sua frente. A partir do momento em que o aparecimento da imprensa permitiu reduzir o formato e multiplicar os exemplares dos livros para uso individual, ler em silêncio tornou-se a prática dominante. Se não forem instados a isso, os leitores raramente se põem a ler em voz alta. Se o fizerem numa sala de leitura, serão rapidamente censurados. A voz da leitura parece assim constrangida a permanecer num registo subsônico e subvocal. É como se a somatização do que lê, isto é, a sua integração no corpo do leitor, dependesse dessa intensificação da visualidade sgnica criada pelo silêncio.

No entanto, a voz pré-articulada e contida do leitor escuta no silêncio das palavras que lê as suas próprias frequências abafadas. Parece não lhe ser necessário fazer soar as palavras para que elas ressoem na concha do ouvido. A leitura em silêncio coloca aparelho auditivo e aparelho fonador em estado de prontidão, transformando essa tensão ótico-acústica na principal expressão da voz silenciosa. É como se um eco pudesse existir sem a emissão que o origina. Detetável apenas pelos micromovimentos dos músculos da boca e pelas breves oscilações da língua, da saliva e do ar. Entre os olhos e a língua, a voz muda do texto dança. Entre as mãos e o livro, a luz cega do texto corre.

Mas note-se que a coloratura dinâmica desse multicoloro de vozes silenciosas a ler é apenas uma das subvocalizações que uma biblioteca nos permite escutar. Se cada leitor traz na sua voz subsônica um eco da sua voz sônica, cada texto vem igualmente carregado de vozes. Das vozes dos seus autores e das suas autoras, e do que delas se inscreve na escrita. Através da singularidade combinatoria dos signos e da música da linguagem que deles emana, cada voz de cada texto dá a escutar, sem chegar a soar, uma voz qualquer que se escreve a si própria. Também nessa heteronímia subsônica, uma espécie de voz, abstrata e empírica ao mesmo tempo, nos interpela.

É como se os textos fossem ecos dessas vozes: não das vozes acústicas registáveis de quem realmente os escreveu, mas da singularidade cristalizável de

um certo modo de dizer o mundo. Quando escutado assim, cada texto parece ter a sua própria voz inventada. Na medida em que cada texto coincidir com um livro, cada livro pode ter assim a sua voz inventada. E se cada livro pode ter a sua voz, então podemos imaginar não apenas a escuta que cada texto-livro requer do seu leitor — encontro marcado das vozes que se escrevem com as vozes que se leem —, mas também as vozes dos livros a conversarem entre si. A biblioteca imaginar-se-ia a si mesma como uma orquestração silenciosa de inúmeras vozes de livros.

Além da voz de fundo que o define como texto, cada texto vem ainda carregado de outras vozes: as vozes de todos os que falam dentro dele. Um texto-livro é por isso uma voz cheia de vozes: personagens e estruturas discursivas a falar subsonicamente em polifonia metafónica. Interpeladoras *quasi*-silenciosas de leitores *quasi*-silenciosos. Talvez sejam essas muitas vozes que os leitores desejam subvocalizar nas suas práticas disciplinadas de silêncio bibliofílico. A somatização do texto-livro teria como finalidade absorver na voz do leitor as vozes de todos os que falam dentro do texto-livro. Ler em silêncio é afinal entregar-se à multiplicidade das vozes.

Reimaginemos agora as vozes na biblioteca: primeiro, a voz silenciosa de cada leitor que se esconde na tatilidade háptica do olho a perscrutar um campo de sinais; depois, a voz silenciosa de cada texto-livro nos pontos de escuta que se abrem na música combinatória das palavras; depois, ainda, as vozes silenciosas que emergem de dentro de cada texto-livro como efeito da sua pura ficcionalidade. A biblioteca seria essa infinidade subsónica de vozes na garganta imóvel do leitor. No espaço aparentemente insonorizado e anecoico da biblioteca, a reverberação contínua do eco do silêncio das vozes escuta-se no som de cada folha que se vira.

* Diretor da Biblioteca Geral
da Universidade de Coimbra

A interrogação sobre a natureza da voz da biblioteca serve de mote para duas iniciativas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) associadas ao tema da XXVI Semana Cultural da UC. A primeira, organizada em parceria com a Imprensa da UC (IUC), é uma leitura de poemas com a designação «As vozes. A propósito de estrelas, pus-me a escrever um poema». No dia 5 de março, em três espaços diferentes da BGUC, serão realizadas breves leituras de poemas de Manuel António Pina, Adília Lopes e Bénédicte Houart, selecionados a partir das antologias daqueles autores na Coleção Poesia XXI (IUC). Esta atividade conta com a colaboração do Colégio São Teotónio, da Casa da Esquina e do Mestrado em Escrita Criativa da Faculdade de Letras da UC. A segunda iniciativa, em data a anunciar, intitula-se «Ler a Biblioteca» e consiste numa performance e instalação sonora da autoria de Rui Torres, Luís Aly e Marco Jerónimo. O espaço da Biblioteca será lido através de efeitos de sonorização tridimensional de excertos de obras da BGUC, encenando a leitura do lugar através da multiplicação de vozes.

No âmbito da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, em parceria com o Centro de Estudos Superiores da UC em Alcobaça (CESUCA) e com o Centro de Documentação 25 de Abril, a BGUC organiza também a exposição «50 vezes Abril: ainda há história para contar?», que decorre de 6 de abril a 15 de junho de 2024, na Galeria da Caixa de Crédito Agrícola, em Alcobaça. Num discurso pensado para crianças e jovens, esta exposição procura proporcionar uma viagem pela aventura de procurar referências menos evidentes, mas que assumem também importância no desenrolar do processo de democratização do país. Descobrir essas histórias ainda por contar será o mote de um circuito que ligará o passado ao presente, através de 50 objetos, e proporcionará a todos os participantes a possibilidade de compreender que há sempre algo mais a conhecer sobre o período revolucionário português.

«PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES»¹... OU DE COMO OUVIR A VOZ DE ABRIL

CRISTINA FREITAS *

Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado.
Cega com outra luz a luz do dia.
Desassossega o mundo sossegado.
Ensina a cada alma
a sua rebeldia.

Miguel Torga, *Voz Activa*.
in *Diário XIII*, p. 9, Coimbra, 08-07-1977

Como é do conhecimento da Comunidade Universidade de Coimbra (UC), a tradicional Semana Cultural, na sua 26.^a edição, decorrerá de 1 a 15 de março de 2024, sob o tema «Voz». Nas palavras do Senhor Vice-Reitor Delfim Leão, o objetivo do evento é unir parceiros pela cultura e assim formar «um coro de vozes»².

Ao invocar a expressão immortalizada por um «jovem estudante da Academia coimbrã», também o Senhor Vice-Reitor invoca a importância de ouvir e ser ouvido/a, de pedir — e ter o direito de usar — a palavra, falada ou representada, como meio de comunicação, expressão e partilha de ideias e de valores. Essa voz que se eleva, como providencialmente e a seu tempo fora sublinhado, «no singular (...), [mas] que se desdobra em mil outras vozes» (Leão, 2023), alinhando-se às comemorações do cinquentenário do Movimento Revolucionário de Abril, leva-nos a compreender o sentido e a importância de não nos distanciarmos dessa realidade da qual somos parte e «voz ativa».

¹ Empregamos, de forma livre e com ligeira adaptação, o título da canção de intervenção brasileira, «Pra não dizer que não falei das flores», de Geraldo Vandré (1968), uma das muitas e desassossegadas vozes que se levantaram pela democracia brasileira, na segunda metade do século xx.

² A nota de comunicação completa está disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/xxvi-semana-cultural-da-uc-quer-ser-uma-polifonia-de-vozes/>



Exposição
"Caminhos que Abril abriu"
CD25A-UC



«Kit do Falsificador»,
de José Hipólito dos Santos

As iniciativas

O Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra (CD25A-UC) irá completar 40 anos de existência. Enquanto Unidade de Extensão Cultural e de Apoio à Formação (UECAF) da UC, segundo os seus registos, foi criado no mês de dezembro de 1984. Trata-se de uma instituição polivalente, única na forma de expressão documental e no contacto com o público-alvo, em razão dos conteúdos informacionais que proficientemente identifica, organiza, recupera e difunde. Tem sob a sua guarda um vasto e valioso acervo, reunido a partir de documentos dispersos pelo país e estrangeiro, na posse de pessoas ou organizações sociais, políticas, culturais e religiosas. O Centro é reconhecido como um dos mais ricos arquivos de história portuguesa do século XX, incontornável no âmbito dos acontecimentos políticos que iluminaram o 25 de Abril de 1974 (CD25A-UC, 2023)³.

³ A versão completa da referida descrição está disponível em: www.cd25a.uc.pt/pt/page/100

Num forte alinhamento com o programa de atividades alusivas ao cinquentenário do Movimento Revolucionário de 25 de Abril⁴, o CD25A-UC realiza um conjunto discreto de iniciativas na tradicional quinzena cultural que marca o aniversário da UC. Beneficiando-se de rubricas de divulgação institucional preexistentes (por ex., o Centro do Conhecimento⁵ e o Documento do mês), bem como de uma forte presença nas redes sociais⁶, apresenta algumas dezenas de documentos textuais, iconográficos e audiovisuais, bem como alguns dos objetos tridimensionais mais emblemáticos do seu acervo, que muito dizem

⁴ De setembro de 2023 a abril de 2026. Entre as atividades desenvolvidas pelo Centro, encontram-se as de caráter próprio e as que apoia ou com as quais colabora, de natureza diversa, dentro e fora do país. Ao realizar ou colaborar com essas iniciativas, o Centro, no âmbito do referido evento, cumpre exemplarmente a sua missão, quer para com a UC, quer para com o país e a sociedade.

⁵ O Centro do Conhecimento, de acordo com as informações disponíveis na página Web de divulgação da iniciativa (<https://www.uc.pt/anossauc/centrodoco-nhecimento>), «pretende mostrar alguns dos tesouros do valioso espólio da UC».

⁶ Presentemente, o CD25A-UC possui mais de 20 000 seguidores/as no Facebook.

sobre o Movimento de Abril e as suas repercussões atuais. Com as iniciativas «O 25 de Abril no Centro do Conhecimento», «Documentos de Abril» e «Alguns minutos de Abril», espera-se poder marcar presença na Semana Cultural da UC e oferecer contributos consistentes para entender e valorizar Abril.

A conjugar com essas iniciativas, a concorrida exposição «O Legado de um Cravo», pertencente ao núcleo expositivo mais recente do CD25A-UC⁷, que vem cumprindo um exigente itinerário, passando por vários locais e instituições do país, entre os dias 1 e 15 de março de 2024, realiza também a sua itinerância na UC.

Para marcar o momento, o Arquivo da UC (AUC) recebe uma exposição pertencente ao CD25A-UC, inti-

⁷ Esta exposição foi concebida numa parceria entre a Alumira, a Rebobinar, o Museu do Aljube e o CD25A-UC. Explora e aprofunda o conhecimento sobre antecedentes e consequentes do 25 de Abril, desde a instauração da ditadura até à promulgação da Constituição de 1976. Está a circular por várias localidades do país, desde o mês de outubro de 2023 e com reservas feitas até, pelo menos, ao mês de outubro de 2024.

tulada «Caminhos que Abril abriu». Concebida para mostrar alguns dos objetos originais usados para falsificar documentos de pessoas na iminência de adentrar no mundo da clandestinidade, o «Kit do Falsificador», de José Hipólito dos Santos, fotografado por Susana Paiva, fica exposto no AUC durante o mês de março. A exposição guarda relação com a coleção fotográfica da autoria de Luís Pascoal, que ilustra a vida da imigração portuguesa em França, antes do 25 de Abril, bem como com a obra documental «O Salto», realizada por Luís Godinho, que elucida aspetos da emigração, sob a ótica de jovens insatisfeitos/as com o regime. Esses conteúdos serão apresentados com recurso a alguma contextualização relativa aos usos e significados, no contexto do que foi e do que representou, para muitas vozes que se elevaram contra o regime ditatorial, uma saída ou um passaporte para uma nova vida. A complementar a iniciativa anteriormente descrita, no âmbito da sua já conhecida rubrica «Documento do



mês» e da sua participação no Centro do Conhecimento, o AUC também promove, nos meses de março, abril e maio de 2024, a valorização e a divulgação do seu acervo, apostando na «iluminação» de documentos emblemáticos, imbuídos das temáticas de «Abril».

A expectativa

Procurámos, assim, no tracejar dessas poucas linhas, antecipar algumas das iniciativas em curso no CD25A-UC e no AUC, voltadas para a promoção da reflexão sobre o papel e a importância do Movimento Revolucionário do 25 de Abril no processo de construção, afirmação, vigilância e sustentação da democracia portuguesa — uma conquista que, segundo os valores de «Abril», sendo de todos/as, deve ser usufruída por todos/as.

Encontrando-se no âmbito daquela que muito provavelmente será a mais significativa efeméride do Portugal contemporâneo e a coincidir, não por acaso, com um evento cultural marcado pela diversidade e pelas ideias inovadoras, as iniciativas em curso apostam em pequenas dinâmicas potenciadoras de grandes resultados. O foco, desta vez, está em apoiar e «colorir» a Semana Cultural da UC com os tons fortes e indelévels de uma Revolução que lutou pela Democracia e pela Liberdade, trazendo para o nosso lado — hoje e sempre — a(s) diversa(s) e ativa(s) voz(es) de Abril.

Que toda essa «polifonia de vozes», muito oportunamente perspétivada pela Vice-Reitoria da UC, para comemorar e debater Abril, «ensin[e] a cada alma a [encontrar] a sua rebeldia».

* Diretora do Arquivo e do Centro de Documentação
25 de Abril da Universidade de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

5 MARÇO 2024
> ACESSO LIVRE



As vozes,

*pé ante pé
sobe as escadas
e bate à porta*

14H00
SALA DE LEITURA
**Bénédicte
Houart**

*- Não é ninguém
Tantas vozes
fora de nós!*

ALUNAS DO MESTRADO
EM ESCRITA CRIATIVA DA FLUC

ALUNOS DO CURSO PROFISSIONAL
DE INTÉRPRETE/ATOR/ATRIZ
DO COLÉGIO SÃO TEOTÓNIO

CORO DA CASA DA ESQUINA
nos fomos embora?

E se ficamos nós?

**a propósito
de estrelas,**

*por ele se interessar
por estrelas
no m. d. interior*

16H00
PÁTIO INTERIOR
**Manuel
António Pina**

*quando penso no
rapaz penso em
estrelas e quando
penso em estrelas
penso no rapaz*

*como me parece
que me vou ocupar
com as estrelas*

**pus-me a
escrever
um poema.**

*pedra caentasse
sembrer no que*

18H00
ÁTRIO
**Adília
Lopes**

*não faço ideia
o que garanto é
que não fui multada
até recebi direitos
de autor ainda que*

quanto ao poema.

ORGANIZAÇÃO
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



AS VOZES. A PROPÓSITO DE ESTRELAS, PUS-ME A ESCREVER UM POEMA

CARLOTA SIMÕES *

Ao eleger a Voz como tema da XXVI Semana Cultural, pretende dar-se igual capacidade de intervenção à polifonia de sentimentos, de perspetivas de análise e de expressões artísticas que constroem a riqueza e complexidade imensas do ser humano.

Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra

5 de março de 2024, terça-feira

14h – Sala de leitura / Bénédicte Houart

16h – Pátio Interior / Manuel António Pina

18h – Átrio / Adília Lopes

«Voz» foi o tema escolhido para a xxvi Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC). A Imprensa da Universidade (IUC) foi à sua estante, pegou nos três volumes existentes da Coleção Poesia XXI da Imprensa da Universidade dedicados aos poetas Manuel António Pina (por Rui Lage), Adília Lopes (por Ana Bela Almeida) e Bénédicte Houart (Hélder Gomes Cancela) e levou estes livros até à Biblioteca Geral da UC para que sejam lidos em voz alta. As vozes escolhidas para as leituras foram as do Coro da Casa da Esquina, as de estudantes do mestrado em Escrita Criativa da Faculdade de Letras da UC (Amanda Santo, Ana Carolina Gomes e Camila Gonçalves) e as de alunos do Curso Profissional de Intérprete/Ator/Atriz do Colégio de São Teotónio.

* Diretora da Imprensa da
Universidade de Coimbra

As vozes

de Manuel António Pina

A infância vem
 pé ante pé
 sobe as escadas
 e bate à porta
 – Quem é?
 – É a mãe morta
 – São coisas passadas
 – Não é ninguém
 Tantas vozes fora de nós!
 E se somos nós quem está lá fora
 e bate à porta? E se nos fomos embora?
 E se ficamos sós?

PINA, Manuel António, *Nenhuma Palavra e Nenhuma Lembrança*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1999

A propósito de estrelas

de Adília Lopes

Não sei se me interessei pelo rapaz
 por ele se interessar por estrelas
 se me interessei por estrelas por me interessar
 pelo rapaz hoje quando penso no rapaz
 penso em estrelas e quando penso em estrelas
 penso no rapaz como me parece
 que me vou ocupar com as estrelas

até ao fim dos meus dias parece-me que
 não vou deixar de me interessar pelo rapaz
 até ao fim dos meus dias
 nunca saberei se me interessei por estrelas
 se me interessei por um rapaz que se interessa
 por estrelas já não me lembro
 se vi primeiro as estrelas
 se vi primeiro o rapaz
 se quando vi o rapaz vi as estrelas

LOPES, Adília, *Quem Quer Casar Com a Poetisa?*, Quasi Edições, 2001

pus-me a escrever um poema

de Bénédicte Houart

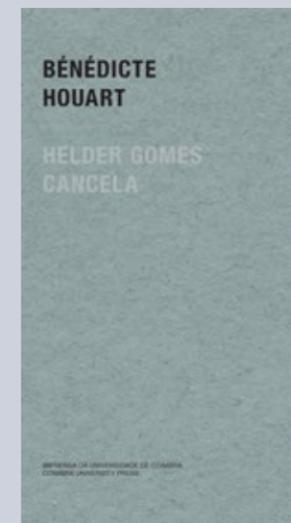
pus-me a escrever um poema
 fosse tal e qual uma pedra e
 acertasse sempre no que
 eu bem quisesse
 se parti alguma coisa, pois
 não faço ideia
 o que garanto é que
 não fui multada
 até recebi direitos de autor
 ainda que injustamente
 a pedra era obviamente um plágio
 quanto ao poema, quem sabe

HOUART, Bénédicte, *Vida: variações*, Cotovia, 2008

Manuel António Pina (Sabugal, 1943 – Porto, 2012) recebeu o Prémio Camões em 2011, entre outros. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu advocacia, mas acabou por se decidir pelo jornalismo, que exerceu ao longo de 30 anos no *Jornal de Notícias*, onde aprimorou o seu estilo, em especial na crónica. Entre a sua estreia poética em livro com *Ainda não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde* (1974) e *Como se Desenha uma Casa* (2011), publicou uma dúzia de títulos de poesia, por duas vezes reunidos num só volume, primeiro na *Afrontamento* (1992), depois na Assírio & Alvim (2001). A sua poesia encontra-se traduzida em muitas línguas. Escreveu um único romance, *Os Papéis de K.* (2003). A sua obra direcionada para o público infantojuvenil é uma das mais importantes da literatura e cultura portuguesas, composta por dezenas de títulos, entre ficções, poemas e textos dramáticos. Foi também ensaísta, destacando-se *Aniki-Bóbó*, já póstumo (2012).

Adília Lopes (1960) apresenta-se nos seus versos como uma *freira poetisa barroca portuguesa*. O percurso meteórico da sua obra na literatura portuguesa poderia ser um *case study* de como uma poesia marginal alcança o coração do cânone literário ou sobre como deixar «prognósticos só para o final do jogo». Autora de uma poesia inteligente e provocadora, Adília Lopes passou das primeiras edições de autor, obras de culto de uma minoria, a ser lida nas salas de aula de Literatura Portuguesa um pouco por todo o mundo. Este percurso tem o seu clímax na publicação de *Dobra*, a poesia reunida em obra completa pela Assírio & Alvim, em 2009. Encontramos ecos da sua obra em vários campos da nossa contemporaneidade, sejam estes os da arte, com as gravuras que Paula Rego lhe dedica, ou o da música, em letras de bandas como A Naifa.

Bénédicte Houart nasceu em 1968, na Bélgica. Filha de pai belga e mãe portuguesa, teve o francês como língua materna. Aos seis anos, mudou-se com a família para Portugal. Rapidamente se apropriou do português. Estudou Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, primeiro numa licenciatura, depois num mestrado. Desenvolveu trabalho como atriz e *performer* em Coimbra, tendo composto, para o Teatro do Morcego, a peça *Cavaremos até Morrer*, encenada em 1998. Entre 1997 e 2005, trabalhou como docente do curso de *Filosofia* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em estética. Embora a escrita a acompanhe desde a adolescência, é já depois dos 30 anos que se propõe publicar. O seu primeiro livro, em 2005, será já o de uma autora adulta. Em 2006, uma queda da varanda do seu apartamento no Porto, um quarto andar, condu-la a prolongados e sucessivos internamentos hospitalares. Se a morte já era uma referência dos seus textos, a proximidade da morte, a sua e a dos outros, marcará de forma permanente a sua escrita. Atualmente, dedica-se à escrita, à música e à tradução.





Portugal Botânico: viagens na nossa terra

TERESA GIRÃO *
JOÃO FARMINHÃO **

Três dos lados do Quadrado Central do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (JBUC) são coroados de 48 alegretes separados por parapeitos, arcos, portões e namoradeiras. A perspectiva e a distância são perfeitas para refletir sobre as transformações sucessivas das coleções, lá em baixo, no coração do Jardim. Estamos num lugar de peregrinação científica, privilegiado para lembrar o estudo sistemático da flora portuguesa, acelerado por Brotero, um dos 12 autores incontornáveis na catalogação da flora da Península Ibérica¹: as suas viagens, sementeiras, cuidados, exaltados na *Flora Lusitânica* (1804-1805)²⁻³. Lá em baixo, no mês de maio de 1798, imaginamos o jardim

gabado pelos autores da luxuosa *Flore Portugaise*, Hoffmannsegg e Link⁴, que nele viram um mostruário vivo sem paralelo das espécies vegetais de Portugal, um espaço de vanguarda. Essa coleção viva não sobreviveu e o herbário a ela associado foi uma das vítimas da Guerra Peninsular, devido à bem-intencionada, mas desastrosa, intervenção do empregado doméstico de Brotero ao tentar salvar os espécimes dos franceses⁵. Crueldade do destino, os materiais e manuscritos inéditos de Hoffmannsegg e Link perderam-se com a Segunda Grande Guerra, em Berlim, há 80 anos⁶. A história da botânica em Portugal é, por isso, num período crítico pós-revolução lineana, material-

mente mais órfã do que as suas congéneres europeias. Apesar do infortúnio com os registos dessas espécies, consolação maior é a existência, em Portugal, de uma flora com mais de 3000 espécies nativas, incluindo 90 que são endémicas de Portugal Continental, 170 da Madeira e 70 dos Açores⁷, isto é, que são exclusivas destes territórios. Este património natural é sobejamente desconhecido dos portugueses, sendo que a celebração das espécies endémicas, locais, é uma das grandes apostas contemporâneas da *Botanic Gardens Conservation International* de que o JBUC faz parte. A história dos jardins botânicos é longa, e o seu início — há centenas de anos —, é fortemente marcado pelo carácter de repositório e local de estudo de novas espécies de plantas e de avaliação, nomeadamente, do seu potencial valor médico e económico⁸. Não sendo, na génese, espaços para visita pública, os jardins botânicos foram adquirindo novas missões e importância na sociedade — além de locais de investigação, e reservatórios de biodiversidade —, como o lazer em ambiente tranquilo, ou funções educativas, culturais e sociais. É por isso comum que os visitantes de jardins botânicos identifiquem como potenciais benefícios (da visita), os impactos positivos no seu bem-estar, psicológico e físico, e no sentido de comunidade. Estes aspetos devem ser, então, de grande importância na gestão dos jardins botânicos, de forma a conceber experiências enriquecedoras e inclusivas para os seus públicos. Além disso, e como componente vital da experiência de visita para a missão dos jardins botânicos, encontramos a diversidade e atratividade das coleções de plantas vivas, em espaços bem desenhados, bem como a disseminação de informação e sensibilização para a conservação *in situ* e *ex situ* das espécies, sendo estes locais veículos privilegiados para a comunicação com a comunidade. A nova coleção Portugal Botânico, instalada nos alegres que delimitam os muros do Quadrado Central do JBUC, pretende contribuir para a divulgação da riqueza botânica do país, com um foco nos endemismos lusitanos e ibéricos, através de um itinerário em construção, e evolutivo, de pequenas «estações botânicas», que nos transporta para uma volta a Portugal em plantas,

no encaixe da diversidade geológica que molda esta diversidade vegetal. Recorreu-se, para tal, às potencialidades do conceito de diorama para a compreensão do mundo natural, e do lugar destacado que tem ocupado na musealização de coleções de história natural⁹. Em cada uma das instalações deste jardim diorâmico reconstituem-se o solo, as rochas e as plantas carismáticas do local e, de forma não programada, também os cogumelos da época. A escolha dos locais sobrepõe-se, de forma parcial, aos recentemente identificados Sítios de Interesse Botânico de Portugal Continental^{10,11} e as espécies selecionadas são hoje o núcleo duro do *Index Seminum* do JBUC, ou seja, do catálogo de sementes disponibilizado para permutas com outros jardins botânicos. O projeto Portugal Botânico é concetualmente devedor do desaparecido *jardin éthologique* de Jean Massart¹², professor da Universidade Livre de Bruxelas, que no princípio do século XX desenhou uma «Bélgica Botânica em miniatura». Estes são dioramas vivos — ao contrário dos dioramas habitualmente exibidos em museus — e, por isso, particularmente sensíveis, mas mantendo — ou, por essa mesma razão, reforçando — o seu potencial para criar proximidade a ambientes com que os visitantes possam nunca ter contactado. Desejavelmente, pretende-se que relembram a necessidade de preservação da natureza e, neste caso particular, da flora nativa de Portugal.

Destacamos na estação «*herrizas* da Beira Litoral», uma das espécies recentemente reintroduzidas na coleção do JBUC, o *Drosophyllum lusitanicum* (L.) Link, vulgarmente designado erva-pinheira-orvalhada, que sendo o único representante de toda uma família botânica que tem em Portugal a maioria da sua área de distribuição global, é um monumento vivo da maior importância. Dando voz às plantas nativas, ambicionamos que a sociedade se aproprie do património botânico da sua terra como já o fez em relação aos patrimónios arquitetónico, arqueológico, musical, gastronómico, entre outros. O facto de hoje não sermos indiferentes à delapidação do património cultural — como fomos no passado, em nome de visões ultrapassadas de progresso — veicula a esperança de

que a consciência patrimonial coletiva seja crescentemente inclusiva e, um dia, abarcará, por razão e emoção, a nossa flora autóctone. É crucial cultivar uma maior exigência coletiva para a interpretação e valorização da paisagem em sintonia com o combate à perda de biodiversidade, missão para a qual os jardins botânicos estão particularmente desenhados, enquanto laboratórios para novas estratégias de aproximação entre as comunidades e as plantas, onde novos significados e novas relações, emocionais e sociais, podem ser construídos.

* Diretora do Jardim Botânico da
Universidade de Coimbra

** Investigador do Instituto do Ambiente,
Tecnologia e Vida e do Jardim Botânico
da Universidade de Coimbra



João Farminhão | *Drosophyllum lusitanicum* (L.) Link, comumente designada erva-pinheira-orvalhada; estação botânica «*herrizas* da Beira Litoral» do projeto Portugal Botânico no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.

1. Buira, Antonio. *The endemic flora of the Iberian Peninsula: species richness, spatial phylogenetics and ecological differentiation*. Tesis doctoral, Universidad Rey Juan Carlos, 2020.

2. Brotero, Félix de Avelar. *Flora Lusitanica, seu plantarum, quae in Lusitana vel sponte crescunt, vel frequentius coluntur, ex florum praesertim sexibus systematice distributatum, synopsis*. Pars I. Olissipone: Typographia Regia, 1804.

3. Brotero, Félix de Avelar. *Flora Lusitanica, seu plantarum, quae in Lusitana vel sponte crescunt, vel frequentius coluntur, ex florum praesertim sexibus systematice distributatum, synopsis*. Pars II. Olissipone: Typographia Regia, 1805.

4. Oliveira, Nuno Gomes de. *A Flore Portugaise e as Viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link*. Chiado Editora, Lisboa, 2015.

5. Figueiredo, Estrela, Smith, Gideon Francois, Silva, Vasco. *Three unpublished letters by Felix de Avelar Brotero reveal new information on his Herbarium and types*. *Phytotaxa*, 382(3), 243–254, 2018.

6. Frodin, David Gamman. *Guide to Standard Floras of the World: An Annotated, Geographically Arranged Systematic Bibliography of the Principal Floras, Enumerations, Checklists, and Chorological Atlases of Different Areas*. Cambridge University Press, 2001.

7. Flora-On: <https://flora-on.pt/>

8. Hill, Arthur William. *The History and Functions of Botanic Gardens*. *Annals of the Missouri Botanical Garden*, 2(1/2), 185–240, 1915. <https://doi.org/10.2307/2990033>

9. Kamcke, Claudia, Hutterer, Rainer. *History of dioramas. Natural history dioramas: History, construction and educational role*, 7–21, 2015.

10. *Sítios de Interesse Botânico de Portugal Continental*. Miguel Porto (ed). Lisboa, Imprensa Nacional, 288 pp. 2021.

11. *Sítios de Interesse Botânico de Portugal Continental — Tomo II*. João Farminhão (ed). Lisboa, Imprensa Nacional, 288 pp. 2021.

12. Denaeyer-De Smet, S., Herremans, J. P., & Vermander, J. (2006). *Jean Massart, pionnier de la conservation de la nature en Belgique*. In *Nature Conservation: Concepts and Practice* (pp. 26–45). Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg.

Centenário do nascimento de Eduardo Lourenço

ALEXANDRA ISIDRO *

Assinala-se entre 23 de maio de 2023 e 23 de maio de 2024 o centenário do nascimento de Eduardo Lourenço, ensaísta, escritor, filósofo e professor, considerado um dos mais prestigiados intelectuais europeus e uma das figuras mais emblemáticas do século XX português.

O Centro de Estudos Ibéricos (CEI), sediado na Guarda e criado a partir do desafio de Eduardo Lourenço, em 1999, tem vindo a desenvolver um programa de comemorações, em articulação com diversas entidades com as quais o ensaísta manteve uma relação mais próxima e que esboçam um possível Roteiro Eduardo Lourenço, como é o caso das Câmaras Municipais de Almeida, da Guarda e de Coimbra, da Universidade de Coimbra (UC), do Centro Nacional de Cultura, do Instituto Camões, da Biblioteca Nacional e da Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras.

Este centenário é, assim, uma oportunidade de celebração e de responsabilização do legado do seu mentor e patrono da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, na Guarda. O grupo que coordena o programa das comemorações integra António Pedro Pita e Rui Jacinto, da UC e Roberto Vecchi e Margarida Calafate Ribeiro, da Cátedra Eduardo Lourenço, da Universidade de Bolonha. O programa desta comemoração tem como linhas principais o aprofundamento do conhecimento científico da obra de Eduardo Lourenço, a ampliação do universo de leitores, a expansão do legado, e a ter-

ritorialização de um pensamento desterritorializado. Eduardo Lourenço disse, um dia, sobre um ensaio: «Trata-se de pensar tudo o que vale a pena ser pensado e tudo o que não vale a pena ser pensado.» O programa do Centenário aspira, precisamente, a repensar o que Eduardo Lourenço pensou e o que nesse pensamento ficou impensado e nos compromete a continuar a pensar: «Nós como futuro». Iniciado em 23 de maio de 2023, em S. Pedro do Rio Seco (Almeida) e na Guarda, o programa do centenário decorre, assim, ao longo de um ano em vários locais, envolvendo várias instituições, contemplando congressos, colóquios, exposições, edições e espetáculos. A agenda está em permanente atualização em www.centenarioeduardolourenco.pt. É precisamente no encerramento deste programa e em articulação com as comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril, que o Teatro Académico de Gil Vicente recebe em maio de 2024 um espetáculo coproduzido pelo Trigo Limpo Teatro ACERT, pelo Teatro Municipal da Guarda e pela Câmara Municipal da Guarda. Estando em fase de produção, o espetáculo da ACERT não tem ainda uma designação final. Porém, as linhas que têm dado corpo ao processo criativo são apresentadas pelo encenador, José Rui Martins.

* Coordenadora do Centro de Estudos Ibéricos



Um espetáculo a várias vozes

JOSÉ RUI MARTINS *

Quando pensávamos na criação de um espetáculo que traduzisse o apego do Trigo Limpo teatro ACERT à celebração dos 50 anos do 25 de Abril, marco histórico que foi berço, embalo e acalento da formação do nosso grupo, surgiu em boa hora o convite do Centro de Estudos Ibéricos (CEI) e do Teatro Municipal da Guarda para que criássemos um espetáculo que encerrasse o programa do Centenário do nascimento de Eduardo Lourenço. Que melhor se poderia desejar do que ter por companhia um cidadão que nos despertou um sentimento tão profundo quando escreveu «Os portugueses atreveram-se tanto quanto podiam, talvez, e esse atrevimento é aquele que ficará realmente na história de nós». Esta ideia contém, entre muitas perspectivas, uma interpretação sublime do que representa coletivamente a importância perene do 25 de Abril.

Como escreveu Lúcia Jorge, Eduardo Lourenço continua a ser «o poeta do nosso pensamento», atributo que, certamente, constituiria, para a gente do teatro, um momento ímpar e mágico: ter o nosso pensador a participar num ensaio de uma peça que tivesse como tema «Pensar Portugal».

A sua genialidade e singularidade em interrogar-se, interrogando-nos, inspira-nos para nos afastarmos dos lugares comuns, das frases feitas ou dum repisar evocativo que é demasiado redutor para um olhar de autenticidade sobre um 25 de Abril quando nos faz refletir que «A evocação ou a referência ao passado só é interessante por pôr em causa o presente e explicar as suas nostalgias ou o seu mal-estar».

Este espetáculo terá uma linha de tempo descontinuada. Não se deseja que Eduardo Lourenço seja uma personagem estereotipada, ainda que o seu pensamento possa povoar simbolicamente «o pó do tempo», esse tempo que, para o nosso Mestre, *é transportado fisicamente pelo livro*. Esse pó que representa o tempo «quer dizer a própria essência da vida».

Pretende-se que a narrativa tenha como ponto de partida S. Pedro do Rio Seco e 1923; que percorra itinerários de liberdade, inconformismo e duma visão cosmopolita e terna como aquela que Eduardo Lourenço tão subtilmente connosco continua a partilhar: «A vontade de não abdicar do Sonho», afinal o valor humano mais precioso de um 25 de Abril que não só perfaz 50 anos, mas que perdura pela intemporalidade com que habita em cada um de nós. «Mais importante que o destino é a viagem.» É isto — sem tirar nem pôr! Neste trilho teatral emocional, haverá a aldeia, a sua Guarda, Lisboa, Coimbra, os tempos de errância, de Vence e de um regresso a S. Pedro do Rio Seco e a um 25 de Abril, sempre (!) a «Pensar Portugal».

Não nos restam dúvidas de que o mais difícil nesta aventura é selecionar, num universo tão harmonioso de ideias e tão lúcido de ideais, quando o que a seguir se transcreve, que já tem, de *per se*, pano para mangas para uma narrativa teatral apaixonante:

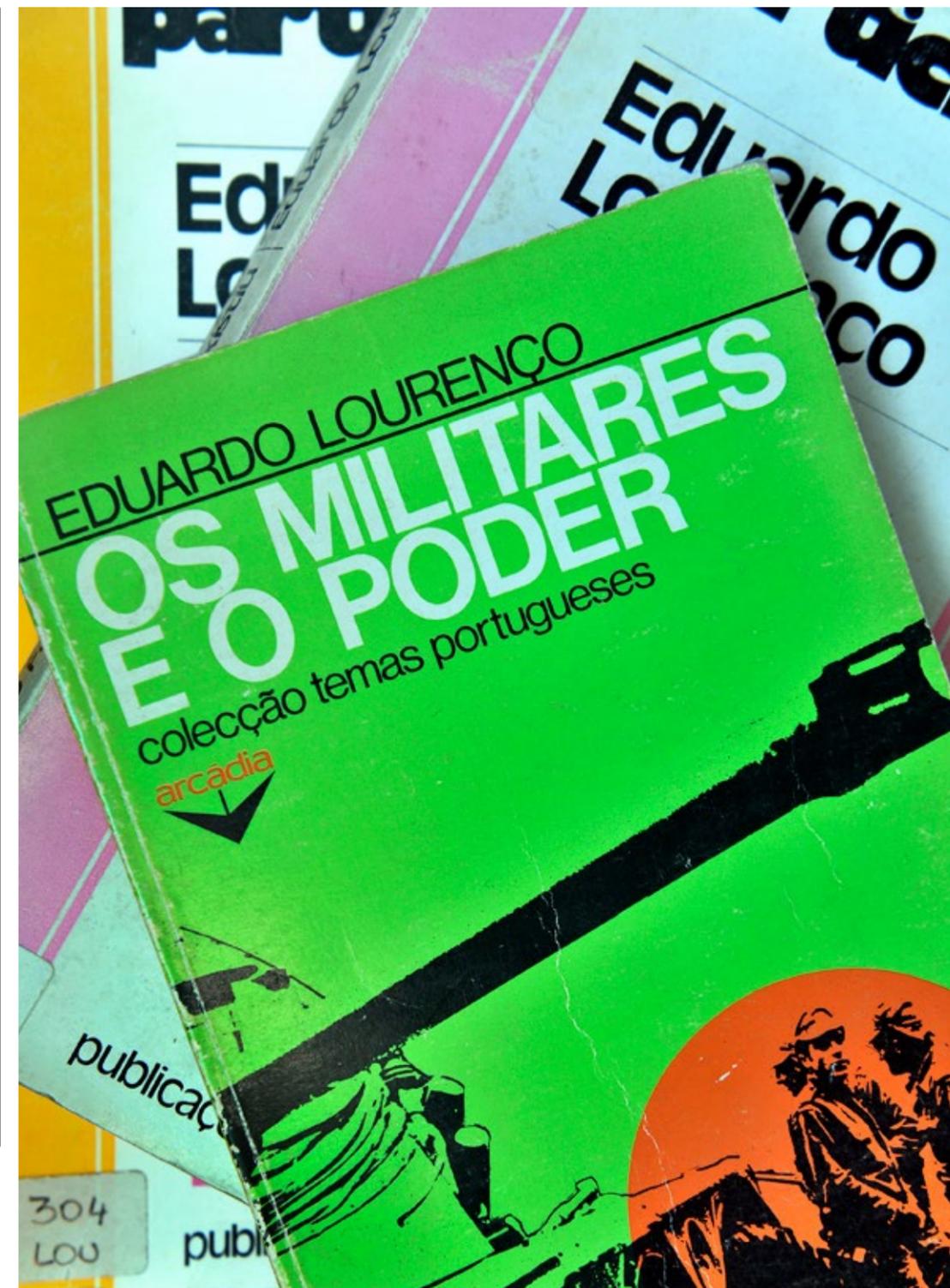
«Tudo o que conta é feito à nossa imagem, a cidade, o bairro, a nação, o vasto mundo. Nada são se não são memória viva, ir e vir dentro do nosso próprio barco para aquele porto onde nada nos espera senão carregamentos dos sonhos que nos sonham. Se não fosse assim, como suportaríamos o peso insuportável de fronteiras que nos tornam inacessível um mundo onde devíamos respirar como se estivéssemos no paraíso? A fronteira é o sinal de que fomos expulsos do paraíso, de todos os paraísos, salvo o da casa-tempo da memória, nossa e alheia, onde nos refugiamos para existir como os anjos que não somos. Mas é também o sinal de que, transpondo-a, estamos tentando recriar, por nossa conta e risco, o paraíso perdido.»

Não fossemos nós portugueses, vamos atrever-nos tanto quanto podemos, desejando que a sinceridade, o prazer e a autenticidade desse atrevimento, seja um tributo a Eduardo Lourenço e ao 25 de Abril para que fique realmente na estória coletiva do Centro de Estudos Ibéricos, do Trigo Limpo teatro ACERT de Tondela, do Teatro Municipal da Guarda e do Teatro Gil Vicente de Coimbra.

* Presidente da Trigo Limpo teatro ACERT

CENTRO DE ESTUDOS IBÉRICOS

Sendo uma associação transfronteiriça constituída pela Câmara Municipal da Guarda, Universidade de Coimbra, Universidade de Salamanca e pelo Instituto Politécnico da Guarda, o CEI desenvolve, há mais de 20 anos, um importante trabalho nas áreas do Conhecimento, da Cultura e da Cooperação, estando este ano particularmente empenhado nas Comemorações do Centenário do centenário de Eduardo Lourenço. O CEI é a concretização do pensamento de Eduardo Lourenço. É uma das suas obras vivas. A aposta na cooperação como forma de superar fronteiras e a procura de um diálogo entre culturas ancestralmente separadas — que são o cerne da identidade do Centro de Estudos Ibéricos — prosseguem os valores humanistas e a dimensão universal lapidadamente enunciados pelo grande ensaísta.



Ciência Refletida



AS VOZES NA CABEÇA CALAM A BOCA

MÁRIO MONTENEGRO *

A faculdade de conseguir comunicar é essencial para a vida em sociedade. Esta afirmação pode parecer uma verdade *lapalissiana* para a maioria de nós, que tomamos essa faculdade por adquirida e que dela fazemos uso permanentemente nas nossas vivências diárias. Eu, por exemplo, utilizo-a enquanto escrevo estas linhas, que sei que terão várias pessoas como destinatárias. Construo-as primeiro na minha cabeça — «ouço-as» na minha cabeça — e depois transponho-as para a página. Neste processo de transposição da cabeça para a página, vou repetindo no cérebro as palavras à medida que as escrevo, numa espécie de autoditado. Depois de escritas, leio o que escrevi para verificar se me parece bem ou se tenho de fazer alguma alteração. Neste ato de leitura, volto a «ouvi-las» na cabeça e reflito sobre a sua pertinência ou adequação. O processo de escrita é, apercebo-me, um processo de comunicação comigo mesmo, no meu cérebro. É do conhecimento geral a importância dos sistemas linguísticos para a comunicação entre pessoas e das capacidades extraordinárias que nos dão. Podemos, por exemplo, através da emissão de um som ou de um conjunto de sons — com a voz — referir objetos ou pessoas

ausentes ou que não existem, acontecimentos passados ou futuros, comunicar pensamentos. O desenvolvimento da linguagem expandiu de um modo extraordinário a capacidade cerebral humana e da sua relação com o mundo. Seria possível afirmar que, no limite, é possível viver sem comunicar, embora na vivência em comunidade tal se apresente como muito improvável. Utilizamos frequentemente a nossa capacidade discursiva quando estamos com outras pessoas, para interagir com elas, ou quando estamos apenas connosco, com os nossos pensamentos, seja a escrever ou não. E as outras pessoas também fazem o mesmo, connosco ou consigo próprias. Menos frequente é outras ou outros comunicarem connosco estando dentro de nós; ouvirmos as suas vozes sem elas terem uma presença física. Estima-se que, no mundo inteiro, 5 a 15% das pessoas ouvem vozes que outras não ouvem. Numa pequena percentagem destas, essa experiência está associada a distúrbios de saúde mental, mas a larga maioria são experiências que não têm um vínculo patológico atribuído. Estas experiências de ouvir vozes variam muito. Há quem apenas tenha ouvido na infância, há quem

só na adolescência ou idade adulta tenha começado a ouvir, há quem ouça permanentemente, há quem ouça de modo espaçado e irregular no tempo. A tipologia de vozes também varia muito. Podem ser vozes interiores, que se ouvem como que dentro da cabeça; podem ser exteriores, como de alguém no mesmo espaço físico. Podem ainda ser vozes individuais ou múltiplas, masculinas ou femininas, fortes ou suaves, de pessoas conhecidas ou de estranhos, dirigidas à pessoa que ouve ou alheadas dela. Quando dirigidas a quem ouve, podem ser vozes encorajadoras, desmotivadoras, podem ser amigas ou malcriadas, sábias ou intolerantes, confortantes ou desesperantes. Os modos como quem ouve vozes lida com elas depende de cada pessoa. Há quem tenha nas vozes uma presença amiga, quem tenha aprendido a ignorá-las, quem sofra de cada vez que as ouve... Cada caso é único. Nos casos em que foi diagnosticada uma patologia, e receitada medicação regular eficaz, elas podem eventualmente desaparecer. Há, no entanto, uma característica comum a essas vozes. Ao contrário da voz que ouço na minha cabeça enquanto escrevo, que reconheço como minha, embora sem som

A esquerda: Vozes sem Conta, Tiago Cerveira
Páginas anteriores: Vozes sem Conta, Francisca Moreira



(uma voz sem som?), as vozes que referi atrás são aparentemente incontrolláveis por quem as ouve. Surgem muitas vezes sem aviso e não vão embora quando não são desejadas, Tapar os ouvidos não resulta. São intrusas na cabeça de quem as ouve. São outras presenças.

Se olharmos da posição de quem não vive esta experiência, poderemos eventualmente sentir estranheza por um fenómeno para o qual não encontramos explicação imediata, que colide com o nosso conhecimento empírico sobre como se produz uma voz e sobre o que é ouvir. Poderemos, numa tentativa de encontrar explicação, imaginar um funcionamento anormal ou extraordinário do cérebro que origine essas percepções. Poderemos até sentir receio de algo que desconhecemos apenas por essa razão.

Por possuir esta dimensão extraordinária, não é fácil para quem ouve vozes falar abertamente dessas experiências. Pode existir uma associação do fenómeno a uma doença mental. Em alguns casos, surge como sintoma em diagnósticos de patologia mental como esquizofrenia, por exemplo, mas esses casos estão longe de constituírem a regra. No entanto, a generalização é algo que temos tendência a fazer, talvez como forma de colocar ordem no mundo complexo em que vivemos. Mas a generalização equaliza, dilui as diferenças, apaga o indivíduo, toma a parte pelo todo. O que, em muitas circunstâncias, não é bom. Existe um estigma social associado à doença mental que se alastra à

experiência de ouvir vozes e que importa combater. Surgiu, no final do século passado, o Movimento Ouvir Vozes, um conjunto de pessoas e organizações que advogam uma perspetiva não patológica dessas experiências, que olham para o fenómeno como uma manifestação natural da diversidade humana, e que apoiam quem necessita através da partilha de experiências e apresentação de alternativas à compreensão e vivência com as vozes, sem recurso aos métodos clínicos tradicionais usados em contextos de saúde mental.

Em 2021, a companhia de teatro Marionet iniciou o projeto Ouvir Vozes, em parceria com o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC), o Movimento Ouvir Vozes Portugal e a Rádio Aurora, do Hospital Júlio de Matos (Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa), com o apoio financeiro da Direção-Geral das Artes através do Programa de Apoio em Parceria — Arte e Saúde Mental. O objetivo central era sensibilizar para a experiência de ouvir vozes e para os modos diversos como é compreendida e como se manifesta esta experiência, de modo a contribuir para a redução do estigma associado.

O projeto teve várias componentes de intervenção social. No centro nevrálgico, a criação e apresentação da peça de teatro «Vozes sem Conta», construída a partir de testemunhos tanto de pessoas ouvintes como de profissionais de saúde, recolhidos em entrevistas.

Foram também criados quatro *podcasts* sobre o tema, da responsabilidade dos utentes do Hospital Júlio de Matos que dinamizam a Rádio Aurora; foram publicados seis artigos de opinião no P3, suplemento do jornal *Público*, pela equipa do projeto; foram ainda organizadas várias conversas públicas e criada a instalação sonora «Estás a ouvir-me?», inspirada na dramaturgia do espetáculo. O tema foi ainda trabalhado durante um semestre letivo por estudantes da disciplina de Oficina de Teatro, do curso de Estudos Artísticos da UC, que apresentaram uma leitura pública dos textos dramáticos aí desenvolvidos. Este conjunto alargado de iniciativas públicas concertadas ocorreram entre 12 maio de 2021, quando saiu o primeiro artigo no P3, «Ouvir vozes: não é normal, é humano», da autoria de Celina Vilas-Boas, psicóloga e dinamizadora do Movimento Ouvir Vozes Portugal, e 17 de fevereiro de 2022, com o sexto e último artigo publicado intitulado «Realidade Aumentada», da minha autoria enquanto coordenador do projeto. Gerou-se uma presença e visibilidade do tema no território nacional que terá contribuído para uma maior informação e compreensão sobre este fenómeno e, conseqüentemente, uma redução do estigma de doença mental associado a este tipo de experiências. A peça de teatro teve um texto escrito a quatro vozes, informado e inspirado pelas entrevistas realizadas no início do processo criativo, e teve um impacto muito forte no público que a ela assistiu, no

qual se incluíam pessoas ouvintes de vozes. Como meio de aferirmos esse impacto, realizámos um inquérito a pessoas que assistiram, procurando conhecer as motivações para o fazerem, o seu conhecimento prévio sobre a experiência de ouvir vozes, e de que modo o espetáculo as sensibilizou para o tema.

A partir dos resultados do inquérito, ficámos a saber que sensivelmente metade das pessoas não tinha conhecimento prévio do fenómeno, mas uma percentagem significativa das/os respondentes (35%) afirmou que ouvia ou conhecia alguém que ouve vozes.

Foi opinião praticamente unânime que o espetáculo ajudou a uma melhor compreensão sobre a experiência de ouvir vozes, e o estigma e conseqüências a ela associadas. Como elementos que captaram mais a atenção na peça e sensibilizaram para a experiência de ouvir vozes, a audiência destacou a performance das/os intérpretes, considerando também que foi, juntamente com o texto, responsável pela passagem de conhecimento sobre o tema. Transcrevo algumas das vozes do público sobre aspetos das experiências retratadas no espetáculo que as sensibilizaram:

«O facto de ser fácil identificarmo-nos com algumas situações, apesar de não sofrermos do mesmo problema»

«O quão comum é, sem que tenhamos essa percepção.»

«A linha ténue entre estar tudo bem e, de repente, já não estar.»

E sobre o impacto e reflexões que o espetáculo provocou, mais alguns testemunhos:

«O tema de ouvir vozes não é muito falado e está associado a um estigma, mas com o vosso espetáculo consegui percebê-lo melhor e saber que não é “coisa de malucos”, que não tem de ser um estigma.»

«Uma das pessoas que foi comigo comentou recentemente que a ajudou muito a entender este fenómeno e a apoiar-me melhor quando eu tenho de lidar com vozes.»

«Aprendi muito sobre este tema. As pessoas não têm noção do que as pessoas que ouvem vozes passam. Este espetáculo ajudou as famílias e outras pessoas [a] compreenderem melhor o que é viver num mundo a ouvir vozes. Obrigada.»

«Foi surpreendente ver a sensibilidade com que o tema foi tratado, mostrando várias visões do mesmo fenómeno, sem ficar na atitude de só rotular como uma doença mental. A nossa sociedade ainda tem os preconceitos de séculos enraizados e toda

a temática da sensibilidade fora do normal ainda é olhada como algo errado que deve ser escondido e corrigido.»

Estas vozes revelam que os objetivos a que o projeto se propôs foram alcançados. Resgatou o tema para a superfície e deu-lhe destaque mediático. Através de mediação artística, sensibilizou e informou as pessoas, contribuindo, desse modo, para a dissociação destas experiências auditivas de um quadro genérico de saúde mental e para a redução do estigma associado. Os contextos sociais em que vivemos levam a que, muitas vezes, as experiências de ouvir vozes sejam abafadas ou escondidas. Quem ouve vozes tende, por isso, a calar-se, com receio de rótulos, julgamentos, incompreensão, discriminação. As vozes da cabeça calam assim a boca de quem as ouve. O que este projeto fez — e é preciso que se continue a fazê-lo — foi ouvir essas pessoas e dar-lhes voz.

Informação detalhada sobre o projeto Ouvir Vozes, assim como ligações para todos os resultados que produziu, podem ser consultadas na página:

https://marioneteatro.com/lab/ouvir-vozes_

* Diretor artístico da companhia de teatro Marionet e investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) da Universidade de Coimbra

OFICINA
DOS
SABERES

ÁGORA

RL#58

87



O 25 DE ABRIL COMO FUTURO

ALBERTO MARTINS *

Portugal, em fins dos anos 1960, era um país subdesenvolvido (pobre, analfabeto, desigual) com milhares de portugueses a emigrar para fugir à fome, à miséria e à guerra. Uma ditadura (com censura e polícia política torcionária), uma guerra colonial iniciada em 1961, enfrentando movimentos de libertação nacional, um país isolado no mundo.

As lutas estudantis de então foram particularmente reveladoras de que o regime político estava a perder a juventude. Em 1969, em Coimbra, a partir de 17 de abril, desencadeia-se uma das mais duras e prolongadas lutas de massas da Universidade portuguesa.

Ao levantar-me, na sessão solene da inauguração do recém-construído edifício da secção de Matemáticas da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (UC), para pedir a palavra ao Chefe do Estado, na qualidade de presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC), «eu era mais do que eu próprio» — era uma geração, um desafio, uma insubmissão na revolta. E reivindicava tão só, naquele momento, «o legítimo direito de a voz dos estudantes se fazer ouvir em toda a parte em que se decida da vida da Universidade». As muitas «mil vozes» que pediram a palavra em 17 de abril de 1969 fizeram desse gesto inicial e simples, breve e longo, um símbolo da memória e revolta, nele iniciando a liberdade que em Coimbra, por vários meses, se fez um lugar de «ficção real», em que tudo aconteceu, tudo foi violento e duro, e tudo perdura. A luta estudantil traduziu-se, então, em diversas ações públicas, designadamente na greve às aulas e na greve a exames (cumprida por cerca de 87% dos estudantes da UC).

E «ultrapassou claramente o protesto estudantil para envolver professores, a Universidade no seu conjunto, e suscitar a adesão de uma cidade». E deu origem à utilização de um variado arsenal de meios repressivos, desde expulsões, prisões, espancamentos, o encerramento da Universidade,



a utilização dos espaços públicos para cargas policiais, processos-crime e prisões a cerca de uma centena de estudantes (pelo invocado «crime de sedição»), encerramento da AAC e incorporação militar compulsiva de cerca de meia centena de estudantes. O conjunto de instrumentos repressivos utilizado evidenciou a retórica da falsa «primavera marcelista». E como disse o Presidente da República Jorge Sampaio, na comemoração dos 25 anos do 25 de Abril, «os acontecimentos registados em Coimbra (...) tiveram repercussões profundas na luta pela democracia em Portugal, e projetaram-se historicamente no 25 de Abril de 1974».

Hoje, ao celebrarmos os 50 anos do 25 de Abril, esse dia luminoso que mudou o destino português, interrogamo-nos sobre os futuros que ficaram por cumprir.

E se a «Universidade Nova», pela qual lutávamos, é, hoje, um combate de todos e de todos os dias, a participação efetiva e digna dos estudantes no governo da UC continua como opção programática adiada. E que dizer do propósito estruturante do combate à segregação social no acesso ao ensino superior?

Numa perspetiva mais geral, mais societária, os desafios legados pelo 25 de Abril exigem o aprofundamento da qualidade da democracia e do imperioso reforço da credibilidade e transparência do Estado e da Administração (dos sistemas de segurança e justiça), do reforço do Estado Social, designadamente no âmbito da saúde, da escola pública e da solidariedade e do combate às desigualdades sociais. Em suma, trata-se do cumprimento do pacto social constitucional.



O 25 de Abril interpela-nos na procura de um desenvolvimento sustentável, alicerçado na inovação e no conhecimento, capaz de valorizar os fatores endógenos nacionais. E que prossiga a defesa de um desenvolvimento ecologicamente equilibrado, matriz essencial do combate às alterações climáticas pela defesa do planeta e das gerações futuras.

A saída da crise económica, social e ecológica exige, no quadro transnacional, por sua vez, uma União Europeia mais democrática, mais transparente, menos burocrática, subordinando o poder económico ao poder político. E que se oponha ao domínio opaco da especulação financeira sobre os Estados e as instituições, e conduza um combate sem tréguas à «economia subterrânea».

Mas a fragilização do projeto europeu, com enormes diferenças sociais entre povos e regiões, tem aberto espaço a um surto de afirmações nacionalistas e soberanistas, e a crescentes ameaças e ações de terrorismo, extremismos e populismos.

A construção europeia, enquanto projeto de solidariedade entre Estados, povos e cidadãos, é decisiva, não só para assegurar a paz no continente, mas para garantir o progresso dos seus Estados-membros e o seu poder político em contexto global.

* Presidente da Associação Académica de Coimbra em 1969

RL#58
Patrimónios

93



Herbário da Universidade de Coimbra, 25 de Julho de 1927, Angola
Foto: João Armando Ribeiro, 2008 – Imprensa da Universidade de Coimbra.



“Arredores de Luanda. Um aspecto da vegetação”.
Diapositivo de Luis Wittich Carrisso, Arquivo de Botânica, DCV-UC

Descolonização das coleções de História Natural da UC: um compromisso de longo prazo

ANTÓNIO C. GOUVEIA *

A Universidade de Coimbra (UC) guarda importantes coleções de história natural provenientes das ex-colónias portuguesas em África (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), mas também do Brasil, Índia, Macau e Timor-Leste, integradas em instituições como o Museu da Ciência, o Herbário, ou o Jardim Botânico, entre outras. Estes acervos, distintos em âmbito e visibilidade, conservam espécimes recolhidos em circunstâncias diversas, desde expedições como as Viagens Filosóficas no final do séc. XVIII, ou as missões botânicas a Angola já no séc. XX, até objetos reunidos de forma episódica, enviados por naturalistas e amadores inseridos em redes intercontinentais, e que alargaram a quantidade e o alcance geográfico das coleções.

Estas breves notas não pretendem delimitar um percurso unidirecional e hierárquico de atividades a desenvolver, mas propõem alguns passos para uma possível reflexão sobre a descolonização das coleções científicas na UC, tendo por base os seus contextos de produção e o reenquadramento das narrativas sobre estes patrimónios sensíveis, reavaliando os preconceitos e as dinâmicas de poder enraizados na construção do passado. As minhas ideias sobre este assunto partem de uma posição de privilégio enquanto investigador da UC, o que me permite o tempo, o acesso às

coleções sob análise e a liberdade de aposição de narrativas a objetos naturais e culturais há muito desagregados dos seus contextos originais. Estou ciente destas minhas limitações no reconhecimento de perspetivas adicionais e saberes diversos que outras vozes saberão trazer a este debate em aberto.

Como ponto de partida, nunca é demais sublinhar que para novas perspetivas críticas sobre as coleções é necessário admitir as histórias coloniais associadas, reconhecer os contextos coloniais nas quais as coleções de história natural foram produzidas e acumuladas, a violência e os legados nocivos que resultaram dessas práticas, que extravasam os objetos nos armários e galerias dos museus, e que impactam as populações atuais, as paisagens e os recursos naturais das ex-colónias até aos dias de hoje.

Historicamente, as ciências naturais conseguiram demarcar-se como um empreendimento científico algo à margem do projeto colonial, motivado pela curiosidade científica e necessidade de catalogar e conhecer a natureza como úteis para a sua conservação. Pelo contrário, não só o acesso ao património biológico e aos saberes locais dos territórios colonizados foi possível e facilitado por beneficiarem das mesmas estruturas de poder que exploravam os recursos e oprimiam as

OFICINA
DOS
SABERES

RL#58

Ao Largo

99





516 metros de desafio

ANTÓNIO TADEU *

As pontes pedonais suspensas são projetadas e construídas por todo o mundo, assumindo formas cada vez mais inovadoras e arrojadas. Atualmente, este tipo de pontes, além de cumprirem a sua função como elo entre dois pontos, são um atrativo ponto turístico, possibilitando uma experiência emocionante e vistas surpreendentes para os que as visitam, atendendo ao seu comprimento, altura e localização.

A ponte pedonal 516 Arouca, com um comprimento de vão que deu origem ao seu nome, é exemplo de uma dessas pontes. A uma altura de 175 metros, situa-se num local privilegiado, o Geopark de Arouca, reconhecido como património geológico de relevância internacional, e classificado como Geoparque Mundial pelo Património Mundial da UNESCO. Construída em 2020, era até há bem pouco tempo a ponte

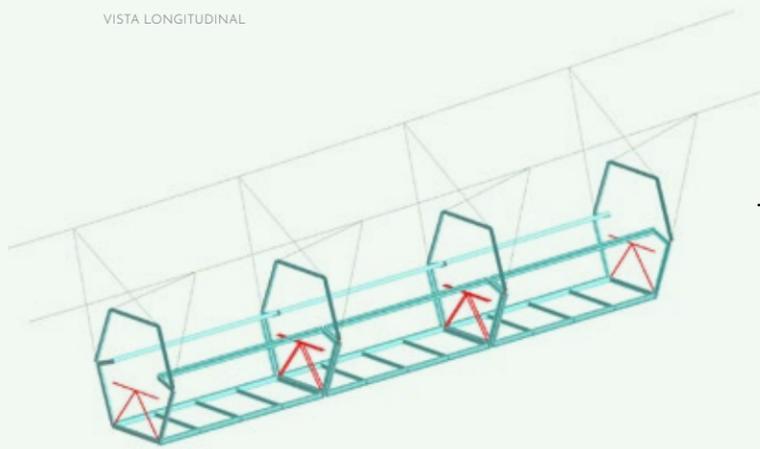
pedonal com o maior vão do mundo. A sua dimensão, altura, transparência, bem como toda a envolvente, dão a perceção de uma ponte «suspensa no céu», acima das nuvens.

Os visitantes que procuram este tipo de experiência anseiam por aventura, emoção, deslumbramento e até alguma apreensão e nervosismo. Estas sensações estão geralmente relacionadas com a altura e localização da ponte, mas também com o seu aspeto (esbelteza, transparência e perceção de estabilidade). Quando o desafio de projetar a ponte 516 Arouca foi apresentado ao Itecons, visava-se projetar uma estrutura que proporcionasse uma experiência emocionante, já que o local é uma atração turística para alguns desportos radicais, como a escalada, o *rafting*, o *canyoning*, etc. O propósito de construir esta ponte não foi o de vir a transformar-se numa traves-

sia para servir uma população, mas antes proporcionar uma experiência inesquecível para quem a vivenciasse. Este tipo de estrutura envolve um grande conjunto de desafios, desde a conceção do projeto até à sua execução. O primeiro repto deste projeto dizia respeito à localização das fundações dos pilares da ponte. Na idealização inicial, a localização dos pilares era diferente e a ponte projetada tinha um vão menor. Efetuaram-se sondagens geotécnicas, que vieram a comprovar que no local pretendido o solo não teria resistência suficiente para suportar a estrutura. Por essa razão, a localização da ponte foi alterada e o novo traçado resultava nos 516 metros, que depois se percebeu ser o maior vão do mundo.

O segundo desafio referia-se ao comportamento não linear dos cabos. No âmbito do projeto da ponte, foram desenvolvidos um conjunto

VISTA LONGITUDINAL



VISTA TRANSVERSAL

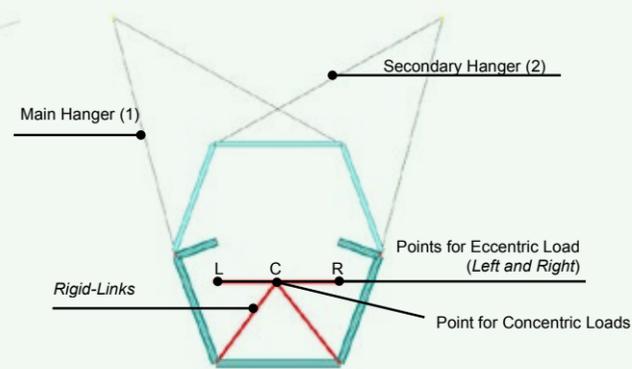


Figura 1: Vista parcial do modelo numérico;

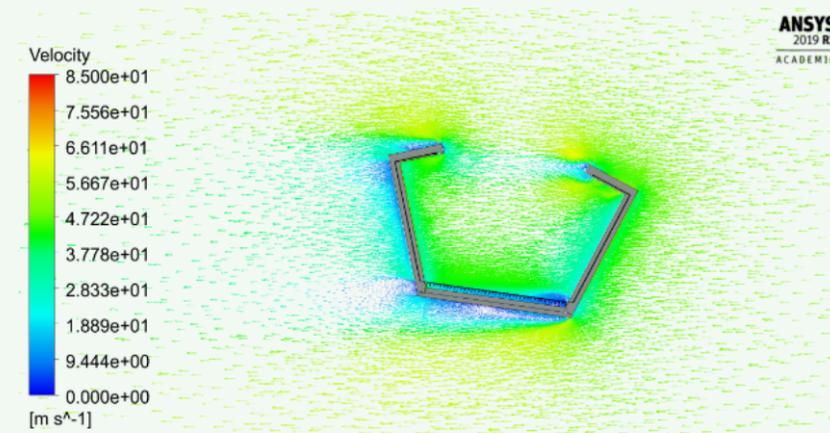


Figura 2: Campo de velocidades do vento em redor de um módulo da ponte determinada através de CFD (vista transversal).

de métodos simplificados, considerando o comportamento linear e não linear dos cabos para definição da geometria inicial e configuração da ponte (análise estática), bem como para estimativa de deslocamentos, avaliação de frequências e modos próprios de vibração (análise dinâmica). As formulações propostas permitem análises mais rápidas do que aquelas que recorrem a *software* e que têm por base modelos numéricos de elementos finitos (Figura 1). O uso dos modelos desenvolvidos foi relevante — não só para a definição da geometria de configuração da ponte, como também para permitir a determinação da variação das forças de tração ao longo dos cabos principais e estimativa das frequências naturais e modos próprios dentro e fora do plano. Deste trabalho resultou uma publicação científica em revista internacional¹.

¹ A. Tadeu, A. Romero, F. Bandeira, F. Pedro, S. Dias, M. Serra, M. Brett, P. Galvín, Theoretical and experimental analysis of the quasi-static

Devido ao enquadramento da ponte, foi entendimento do promotor e do projetista que a mesma deveria ser transparente, alvitando-se, inclusive, a possibilidade de ser de vidro. A transparência, apesar de esteticamente desejável, era também uma «necessidade estrutural». O facto de a ponte ser «permeável» ao vento é fundamental para o seu desempenho estrutural — uma das principais preocupações ao longo deste projeto, que destaco como sendo o terceiro desafio.

Os efeitos das forças aerodinâmicas, como a interferência (*buffeting*), o drapejamento (*flutter*), o galope (*galloping*) e o desprendimento de vórtices (*vortex-induced vibrations*) podem causar instabilidade na estrutura. Esses efeitos foram exaustivamente investigados neste projeto, através de medi-

and dynamic behaviour of the world's longest suspension footbridge in 2020, Eng. Struct. 253 (2022) 113830. <https://doi.org/10.1016/j.engstruct.2021.113830>.

ções do vento no local, testes em túnel de vento e modelos numéricos. Os testes em túnel de vento de modelos de pontes em tamanho real ou em escala reduzida oferecem uma variedade de dados relevantes que podem ser usados para projetar, construir e validar modelos numéricos. Um modelo CFD (*computational fluid dynamics*) tridimensional de dois meios tabuleiros ligados um ao outro e expostos ao vento com diferentes ângulos de ataque foi analisado utilizando o *software* ANSYS Fluent (Figura 2). Após se confirmar a independência da malha e as condições de fluxo em campo livre, o modelo CFD foi validado a partir de resultados de ensaios laboratoriais realizados sobre um modelo reduzido num túnel de vento. Os efeitos dos ângulos de ataque do vento na estabilidade aerodinâmica da ponte, considerando o tabuleiro como um módulo separado, tabuleiro com arco guia e tabuleiro com arco guia e cabos secundários, foram investigados. Deste trabalho

resultou uma segunda publicação em revista científica internacional². Existem diversas diretrizes e recomendações relacionadas com o projeto deste tipo de pontes. Contudo, e apesar de toda a informação disponível, não existe um código internacional de projeto que estabeleça limites e valores admissíveis para a resposta deste tipo de estruturas sob diferentes ações. Em 1999 e 2000, dois incidentes de vibração, um envolvendo a Passerelle Solférino, em Paris, e o outro envolvendo a Millennium Bridge, em Londres, desencadearam uma profunda revisão dos dados existentes sobre a avaliação do comportamento dinâmico de pontes pedonais sob a ação induzida pelos transeuntes. Esta avaliação é feita, essencialmente, por meio de ensaios à escala reduzida (protó-

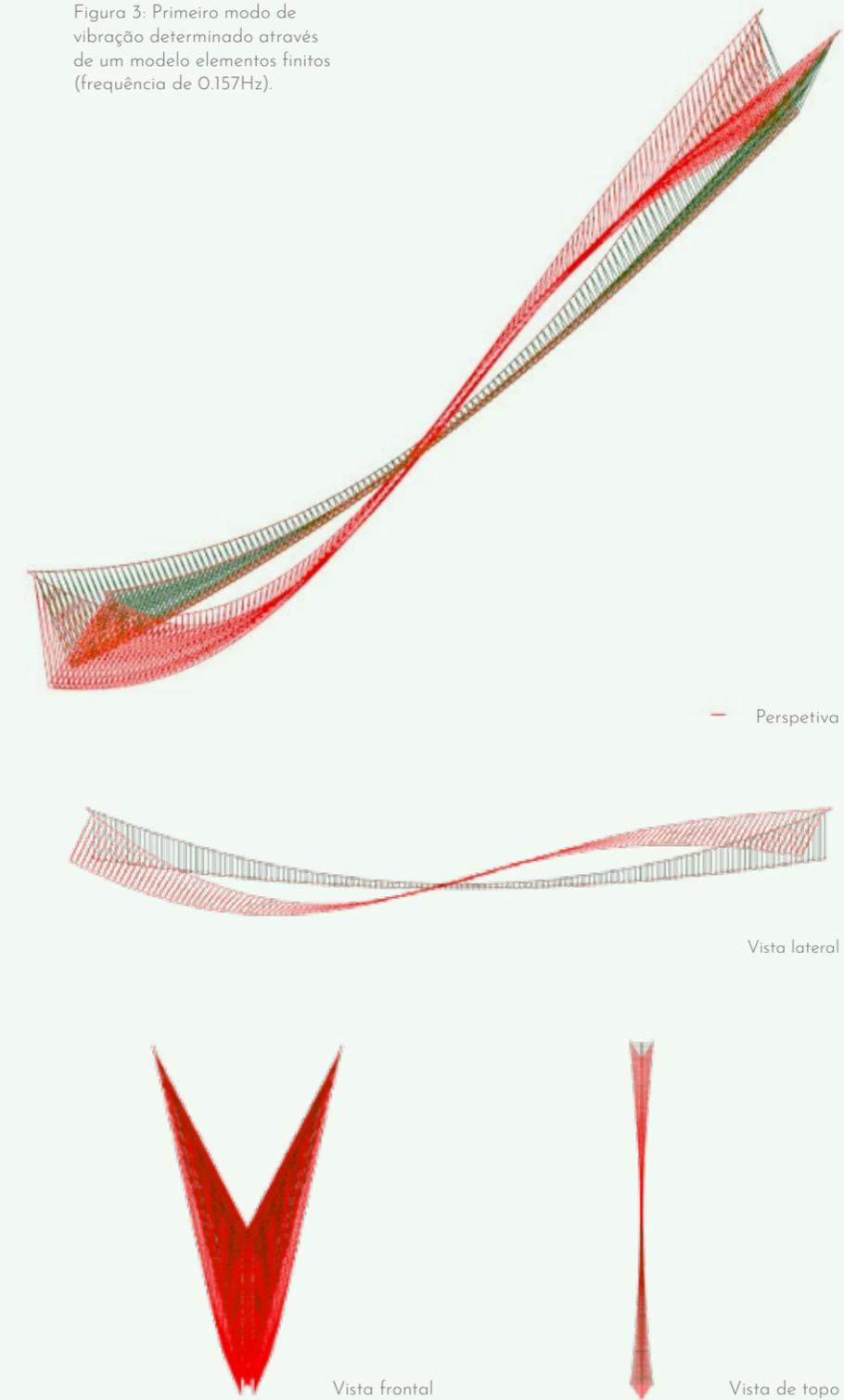
² A. Tadeu, F. Marques da Silva, B. Ramezani, A. Romero, L. Škerget, F. Bandeira, Experimental and numerical evaluation of the wind load on the 516 Arouca pedestrian suspension bridge, J. Wind Eng. Ind. Aerodyn. 220 (2022) 104837. <https://doi.org/10.1016/j.jweia.2021.104837>.

tipos) e à escala real (após construção da ponte), sendo muito difícil prever o comportamento dinâmico da ponte em serviço e os seus parâmetros dinâmicos, em especial os fatores de amortecimento dinâmico. Além destas preocupações técnicas, há também a questão da subjetividade da sensibilidade humana à vibração, muitas vezes mais dependente de fatores psicológicos do que do fenómeno físico da vibração. O quarto desafio foi a avaliação do comportamento dinâmico da ponte. A incerteza sobre as propriedades dinâmicas previstas para a ponte e as reais era praticamente inevitável. Embora tenha sido possível desenvolver métodos para identificar frequências naturais e modos próprios, torna-se complexo estimar os valores de amortecimento antes da construção da estrutura. Esta dificuldade justifica as intervenções em muitas pontes pedonais após a sua construção para colocação de dispositivos de controlo e mitigação da resposta

dinâmica. Posto isto, após a construção da ponte, foi necessário validar o seu comportamento dinâmico através da realização de testes *in situ*. Em novembro de 2020, foi realizada uma série de testes na ponte para caracterizar a estrutura e a sua resposta dinâmica ao tráfego pedonal. A resposta da estrutura foi medida por um conjunto de instrumentos que incluiu dez acelerómetros triaxiais, três antenas GNSS (Global Navigation Satellite System) e um anemómetro. As respostas dinâmicas devido ao vento permitiram obter as frequências naturais da ponte. Estas foram comparadas com as previstas em fase de dimensionamento, determinadas de forma analítica e numérica. Adicionalmente, determinaram-se os fatores de amortecimento modais. As formas modais determinadas experimentalmente, e as frequências naturais correspondentes, foram semelhantes às calculadas na fase de projeto (Figura 3). Os coeficientes de amortecimento foram considerados



Figura 3: Primeiro modo de vibração determinado através de um modelo elementos finitos (frequência de 0.157Hz).



adequados para a ponte, tendo em conta a sua leveza e esbelteza. A diretiz europeia — HIVOSS — foi usada para avaliar os limites de conforto de vibração quando o grupo de pessoas caminhava na ponte. Os resultados demonstram que o nível de desconforto pode ser considerado quase insignificante dadas as condições de serviço. Este trabalho, sobretudo experimental, foi também publicado em revista científica internacional³. Importa salientar a importância do conhecimento, as valências e os meios presentes na Academia, neste caso concreto no ITecons, que permitiram a realização deste trabalho. Além disso, é ainda de destacar a importância da estreita cooperação entre entidades e pessoas ao longo de todo o processo, que contribuiu para o sucesso alcançado.

* Presidente da direção do ITeCons
— Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico para a Construção, Energia, Ambiente e Sustentabilidade

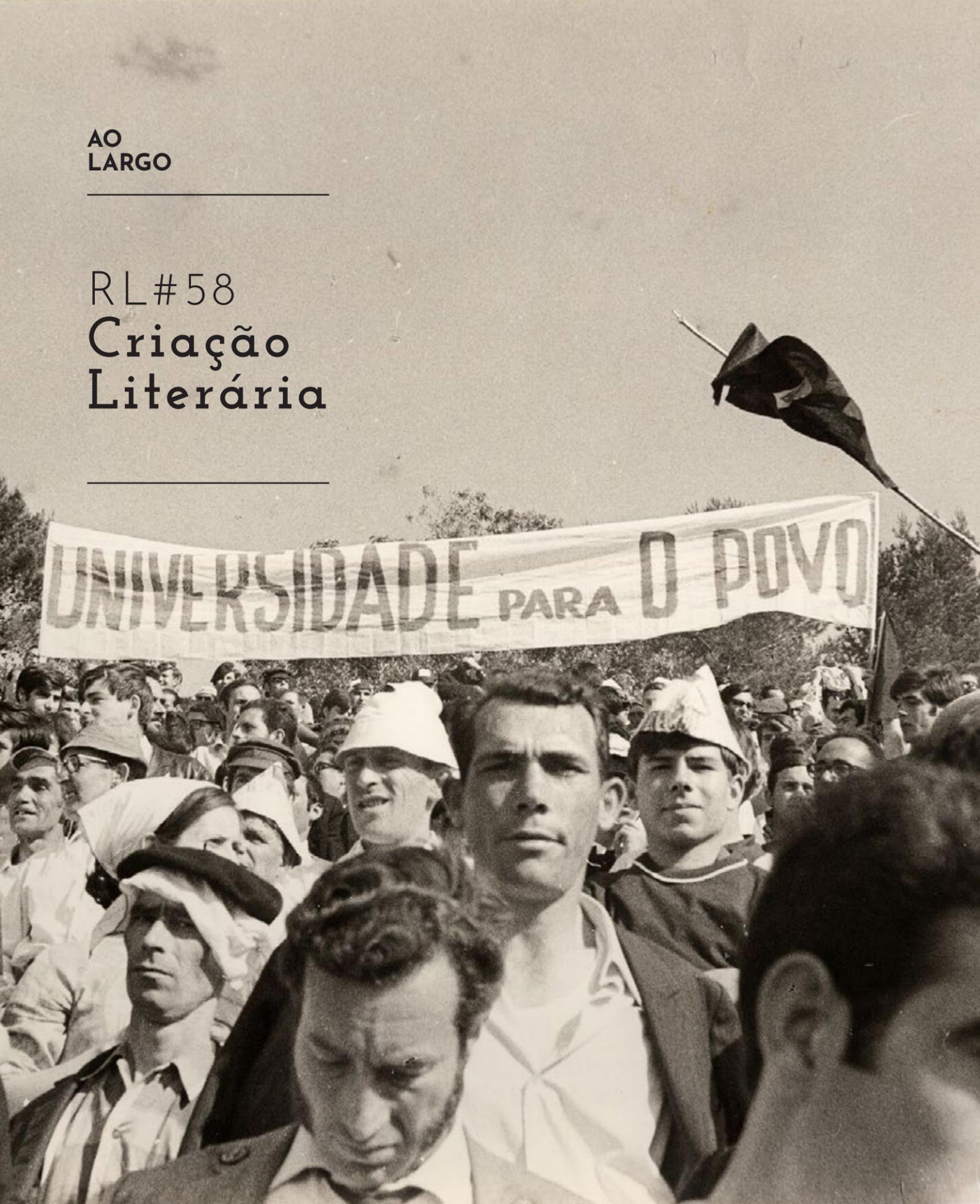
FICHA TÉCNICA

Dono de obra: Município de Arouca
Promotor: Câmara Municipal de Arouca
Localização: Alvarenga, concelho de Arouca, distrito de Aveiro
Projetista: Itecons — Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico para a Construção, Energia, Ambiente e Sustentabilidade
EQUIPA TÉCNICA
Supervisão técnica científica: António Tadeu
Conceção e dimensionamento: Filipe Bandeira
Simulação numérica estática e dinâmica: António Tadeu, Miguel Serra, Bahareh Ramezani e Óscar Lopez
Trabalho experimental em laboratório e in situ: Filipe Pedro, Sara Dias, Michael Brett
Construtor: Conduril - Engenharia SA
Fiscalização: Câmara Municipal de Arouca

³ A. Tadeu, A. Romero, S. Dias, F. Pedro, M. Brett, M. Serra, P. Galvín, F. Bandeira, Vibration serviceability assessment of the world's longest suspended footbridge in 2020, Structures. 44 (2022) 457–475. <https://doi.org/10.1016/j.istruc.2022.08.015>.

AO
LARGO

RL#58
Criação
Literária



Público nas bancadas da Final da Taça de Portugal de Futebol,
Arquivo Crise Académica-Coimbra, 1969, BJUC

RUI MOTA*

A VOZ DE CADA ERA A SUA VOZ...

Um texto para a *Rua Larga*, conto, poema ou prosa, o tema é VOZ (mas podes sempre adaptar). Muito bem, ao trabalho, pensamos nós (a primeira dessa segunda pessoa que se quer plural, o mais imediato raciocínio antes de uma outra viagem imaginária nos levar aos finados e aos bolinhós para a voz)... Ideias longe de brilhantes, e que não mereceriam o espaço, o papel e a tinta de tão prestigiada publicação (mesmo sabendo como a artéria que lhe dá a identidade é sinteticamente descrita por Camilo)...

Por isso, deixar a mente vagar um pouco mais por outras paragens, que partisse dessa ideia de voz e lhe aportasse sentido neste tempo... Uma voz (o que mais poderia ser?) foi ressoando, ressoando, repetindo sempre a mesma palavra *voz*. Não apenas *voz*, mas com uma melodia que lhe foi dando clareza, uma curiosa ironia pois era de nevoeiro que se tratava.

A minha mão surgiu de entre o silêncio obscuro. Obscuro por ser tenebroso, diga-se, não por ser enigmático. Um silêncio imposto, ardiloso, violento, e por vezes cúmplice. Mas não permanente. A mão que surgiu procurou por diversas vezes rompê-lo. Como num jogo de pedra, papel ou tesoura, não basta uma mão querer, quando a outra tenta o contrário... Quando ela surgiu, tinham sido, foram ainda, eram já tantas as mãos...

Manhã de Abril e um gesto puro coincidiu com a multidão... Ah, a tal coincidência das muitas mãos que se juntam num gesto, como pedras a quebrar as tesouras que cortavam as palavras, impondo os silêncios. ... *a multidão que tudo esperava*... A «esperança não fica à espera», nem a multidão... Nessa mesma manhã de Abril, não só não ficou à espera como fez o exacto

contrário do que lhe pediram. Já bastava de «recolher em suas casas», tomou essa manhã como sua, *guardou lugar à flor da primavera*, e começou a transformar a vida, nesse dia, nesses dias, consciente de si.

Ficamos nós só a pensar se o gesto fora bem seguro, a hesitar por entre as brumas do futuro. O gesto foi puro, dissemos. Seguro? É um outro problema. O futuro é sempre um lugar incerto, mas o passado é um país estrangeiro. Sobra o presente. Com dúvidas, naturalmente (quem não tem dúvidas e raramente etc.), porque é bem verdade que *a razão de um povo inteiro leva tempo a construir*. Mas se o povo é «camarada de armas dos quatro elementos», tem a Natureza ao seu lado. Quando a chuva se vai, dá para ver claramente todos os obstáculos no caminho. Mas não dá para encostar, ver o Sol brilhar nessa linha imaginária do horizonte e beber café solúvel.

A acção prudente que termo dava à solidão da gente que desesperava na calada e fria noite de uma terra inconsolável. Essa noite calada e fria, o tal silêncio obscuro, do qual surgiu a mão, o gesto puro, a multidão. Porque essa gente que desesperava, afinal, não estava só. Ninguém está só. Recordas-me, Mariana, a lição que deste à tua avó Amanda?

Na madrugada, a multidão gritava os sonhos mais profundos... Já não era manhã, era a página em branco de um dia novo por nascer, cheio de possibilidades. A madrugada, onde comumente vivem os sonhos, era já outra. Sendo profundos, já lá estavam, seguramente... mas foi preciso *adormecer com a sensação que tínhamos mudado o mundo* para que esses sonhos fossem gritados. Sonhos sonhos são, mas continuam sendo só sonhos se dobrarem a madrugada?

Um outro breve início deixou palavras de ordem nos muros da cidade, quebrando as leis do medo, foi mostrando os caminhos... Tantas possibilidades. E as paredes deixam de atemorizar com a palavra de ordem «Proibido» que diziam (e higienistas de vários matizes querem que voltem a dizer), e quebrando as leis do medo, as do silêncio obscuro, as da noite calada e fria, passam a ter as palavras de ordem dos sonhos mais profundos. Já bastava de «recolher em suas casas»...

... e a cada um a voz que a voz de cada era a sua voz... Aqui está, a voz que ressoava. A voz de cada era a sua voz, as vozes de uma multidão são muitas, as de um povo inteiro são só uma voz...

Quando Pedro Ayres Magalhães escreveu este poema para música de António Vitorino de Almeida, a que chamaram «As Brumas do Futuro», comemorávamos os 25 anos do 25 de Abril, em 1999. Hoje, com mais 25 anos em cima, perguntemos então: que voz? Uma voz que importa cuidar, uma voz que é de cada um, mas que também é nossa, uma voz que lembra esse gesto puro, que se enche de alegria com a manhã, que não se intimida com a noite, que canta na madrugada, e que, com paciência (e trabalho), estica os limites da imaginação, que é outra palavra para sonho... Abril que vem, e nos outros que vierem, dar uso à nossa voz é todo um programa. E até as ruas mais estreitas serão largas.

* Natural de Coimbra, nunca chegou a desenvolver as capacidades para escrever uma curta ficha autobiográfica, nem quando foi estudar para fora da cidade (na Covilhã e em Lisboa), nem mesmo depois de cerca de 20 anos de actividade editorial.

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.

Prémio Joaquim de Carvalho 2023

Resistência Patriótica e Revolução Liberal – 1808-1820

de Ana Cristina Araújo

MARIA JOÃO PADEZ *

A obra *Resistência Patriótica e Revolução Liberal 1808-1820*, de Ana Cristina Araújo, é a vencedora da 14.^a edição do Prémio Joaquim de Carvalho, instituído pela Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC).

O livro centra-se na história política e das ideias, e explora discursos de um tempo marcado pela eclosão e pela memória da Revolução Francesa. A autora adota uma perspetiva transnacional e mostra que a temporalidade revolucionária, reavivada pelas campanhas napoleónicas na Península Ibérica, foi revestindo manifestações polissémicas e conflituais. Explora também os fatores convergentes do processo político peninsular e, na enunciação conflitual do campo político, confirma a permanência de crenças e símbolos profundamente enraizados na sociedade portuguesa. Estes aspetos são estudados no contexto social, cultural e institucional do início do século XIX em Portugal. O livro convida à revisitação e revisão crítica de questões centrais e surge no quadro da evocação do Bicentenário da Revolução de 1820 e do Constitucionalismo Português.

O júri, na sua apreciação, valorizou o facto de o livro escolhido apresentar um texto maduro e coerente, com uma narrativa fluida, revelando perspetivas menos comuns e inovadoras da história da época em causa. A obra conjuga de forma original diferentes linhas de pesquisa, atores e agentes menos tratados na história,

dialogando com outras interpretações a partir de diversas fontes. A autora revela uma visão abrangente, situando os acontecimentos locais no panorama geopolítico e internacional da época, constituindo um contributo ineludível para futuras investigações.

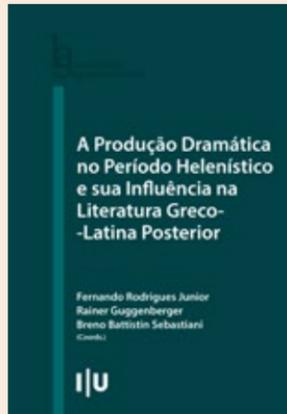
Ana Cristina Araújo é doutorada em História Moderna e Contemporânea, professora associada com agregação aposentada da Faculdade de Letras da UC e investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura. Tem-se dedicado à investigação em História das Ideias e da Cultura, séculos XVIII e XIX. Participou em mais de 70 obras coletivas e tem publicado numerosos artigos, em revistas nacionais e estrangeiras de referência. É autora, entre outros, dos livros *A Morte em Lisboa. Atitudes e Representações (1700-1830)*, Lisboa, 1997; *A Cultura das Luzes em Portugal. Temas e Problemas*, Lisboa, 2003; *O Terramoto de 1755. Lisboa e a Europa*, Lisboa, 2005; *Memórias Políticas de Ricardo Raimundo Nogueira (1810-1820)*, Coimbra, 2011. Coordenou dois volumes sobre a Universidade Pombalina, um dos quais em colaboração com Fernando da Taveira Fonseca, e, mais recentemente, com Miriam Halpern Pereira, coordenou e foi coautora do livro *Gomes Freire de Andrade e as Vésperas da Revolução de 1820*, Lisboa, 2018.

* Diretora-adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra



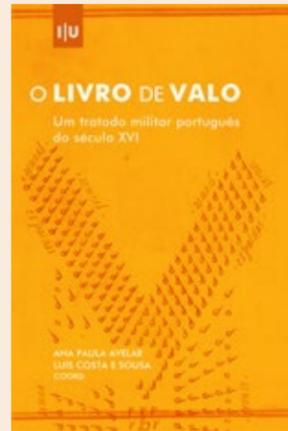
RL#58
LUGAR
DOS
LIVROS

DESTAQUES



A Produção Dramática no Período Helenístico e sua Influência na Literatura GrecoLatina Posterior

Fernando Rodrigues Jr.;
Rainer Guggenberger;
Breno Battistin Sebastiani



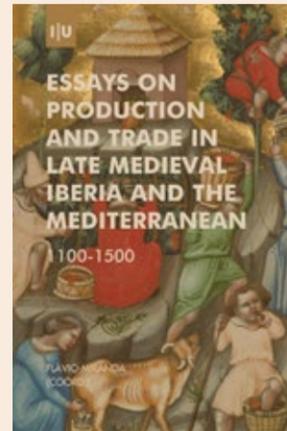
O livro de Valo: Um tratado Militar Português do Século XVI

Ana Paula Avelar;
Luís Costa e Sousa



European Union as an International Actor: Peace and Security in Narratives and Practices

Maria Raquel Freire;
Daniela Nascimento



Essays on Production and Trade in Late Medieval Iberia and the Mediterranean: 1100-1500

Flávio Miranda



Das Culturas da Alimentação ao Culto dos Alimentos, Volume I e Volume II

Paula Barata Dias;
Wanessa Asfora;
Carmen Soares; Allen Grieco



Merleau-Ponty y el Cuestionamiento de la Metafísica del Sujeto

Davide Eugenio Daturi



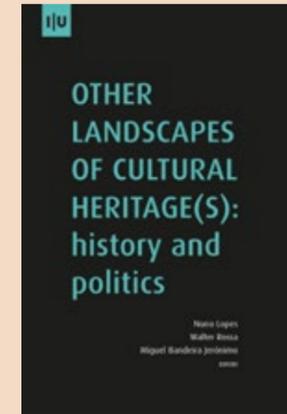
O Regime Florestal em Serpins: Exposição e Crítica

Adriano J. de Carvalho



Princípios de Microeconomia – Questões e Exercícios

Rita Martins;
Micaela Antunes;
Nuno Silva;
João Sousa Andrade



Other Landscapes of Cultural Heritage(s): History and Politics

Nuno Lopes; Walter Rossa;
Miguel Bandeira Jerónimo



Obras de Ernesto da Silva, o Apóstolo do Socialismo – Tomo I: Textos literários. Páginas de crítica teatral e teoria estética (1893-1903)

Beatriz Peralta García



Obras de Ernesto da Silva, o Apóstolo do Socialismo – Tomo II: Artigos jornalísticos (1893-1903)

Beatriz Peralta García



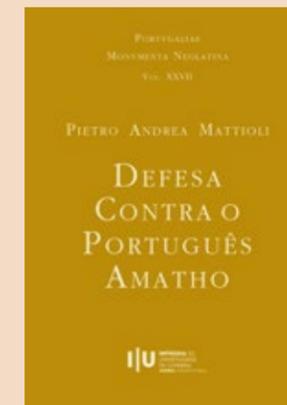
Obras de Ernesto da Silva, o Apóstolo do Socialismo – Tomo III: Escritos Políticos, Conferências e Discursos (1893-1903)

Beatriz Peralta García



Os Discursos do Turismo e o Desafio da sua Tradução

Vivina Almeida Carreira;
Cornelia Plag; Conceição Carapinha



Defesa Contra o Português Amatho

António Guimarães Pinto;
Jorge Paiva



A Independência e o Brasil Independente Vol. I e Vol. II

João Paulo Avelãs Nunes;
Luciano Aronne de Abreu;
Miliandre Garcia de Souza;
Tatyana de Amaral Maia



Compêndio de Direito Empresarial

Alexandre Dias Pereira

DESTAQUES



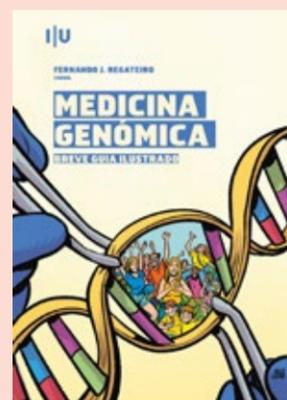
Corporativismo: Ideias e Práticas
Luciano Aronne de Abreu;
Marco Aurélio Vannucchi;
Luciano Aronne Abreu;
Paula Borges Santos



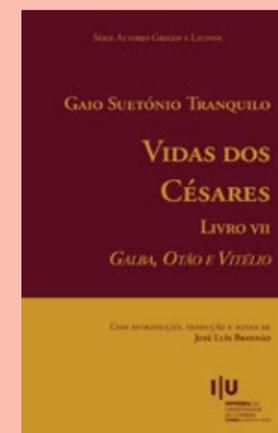
A Oficina de Gil Vicente
José Augusto Cardoso
Bernardes



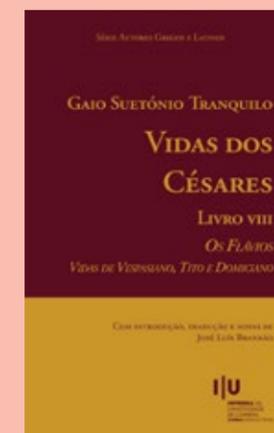
Cornélio Nepos. Vidas de Epaminondas, Catão e Ático. Fragmentos
Francisco de Oliveira



Medicina Genómica: Breve Guia Ilustrado
Fernando Regateiro



Gaio Suetónio Tranquilo, Vidas dos Césares. Livro VII. Galba, Otão e Vitélio
José Luís Brandão



Gaio Suetónio Tranquilo, Vidas dos Césares. Livro VIII. Os Flávios. Vidas de Vespasiano, Tito e Domiciano
José Luís Brandão



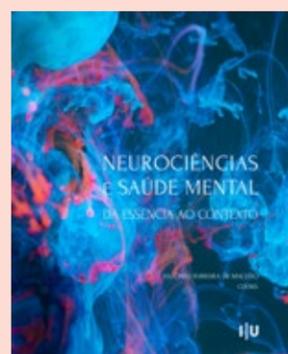
Cantata de Natal «O Pássaro Azul»
Paulo Bernardino



A Saúde no Saber – Um Projeto de Promoção da Literacia em Saúde
Sara Varela Amaral



Pausânias. Descrição da Grécia. Livro IV
Maria de Fátima Silva



Neurociências e Saúde Mental: Da Essência ao Contexto
António Ferreira de Macedo



Eritrina, a Heroína
Ana Cristina Tavares



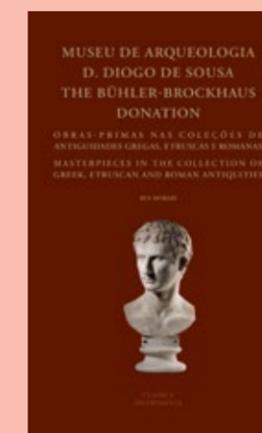
Formação Inicial de Professores, Flexibilidade e Avaliação Educativas: da Teoria à Prática
María Luisa Aznar Juan;
João da Costa Domingues



European Public Sector Accounting
Peter C. Lorson; Susana
Jorge; Ellen Hausteijn



O Centro de Estudos de Química Nuclear e Radioquímica no Florescimento da Investigação em Química na Universidade de Coimbra
Augusto Correia Cardoso

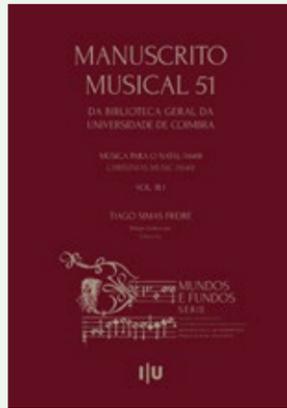


Museu de Arqueologia D. Diogo De Sousa. The Bühler-Brockhaus Donation: Obras-Primas nas Coleções de Antiguidades Gregas, Etruscas e Romanas
Rui Morais



Literatura e Outras Artes em Diálogo: Contributos para uma Didática Transversal
Ana Maria Machado

DESTAQUES



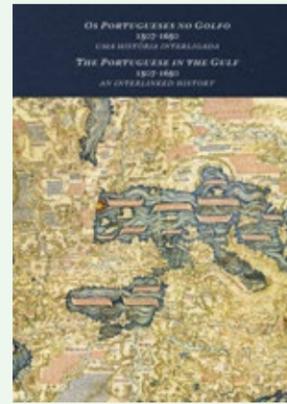
Manuscrito Musical 51 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: Música para o Natal (1649) Vol. III.1
Tiago Simas Freire



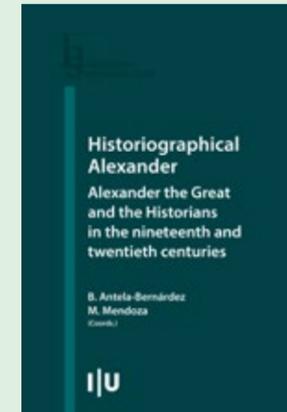
As Relações Luso-Marroquinas no Século XVI: Presença Portuguesa em Agadir e região de Sus (1505-1541)
Mohammed Nadir



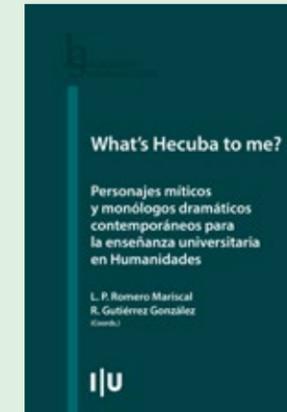
Medeia
Maria Helena da Rocha Pereira



Os Portugueses no Golfo 1507-1650: Uma História Interligada
Delfim F. Leão;
José Pedro Paiva;
Roger Lee de Jesus



Historiographical Alexander: Alexander the Great and the Historians in XIXth and XXth Centuries
B. Antela-Bernádez;
M. Mendoza



What's Hecuba to me? Personajes Míticos y Monólogos Dramáticos Contemporáneos para la Enseñanza Universitaria en Humanidades
Lucía P. Romero Mariscal;
Ramón Gutiérrez González



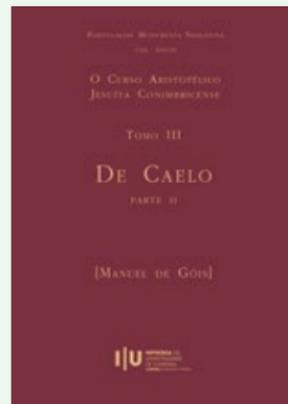
Pausânias. Descrição da Grécia. Livro V
Maria de Fátima Silva



Medicina Personalizada de Base Genómica: Boas Práticas, Ética e Direito
André Gonçalves Dias Pereira



30 anos, 30 antropólogos
Sofia Wasterlain



O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo III: De Caelo - Parte II
António Guimarães Pinto;
Sebastião Tavares de Pinho;
Margarida Miranda



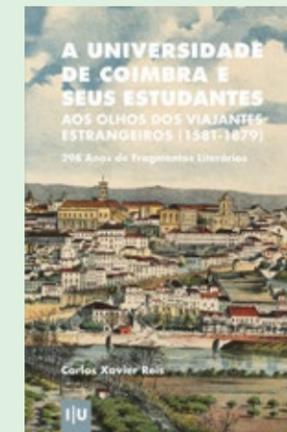
Contribuições da Geografia para o Ensino dos Riscos
Carla Juscélia de Oliveira Souza;
Luciano Lourenço



Ter Presente: Arquiteturas em Arquivo
José António Bandeirinha;
Nuno Correia



Theatre About Science. Theory and Practice
Mário Montenegro;
Fernando Matos Oliveira;
Teresa Girão; Sara Varela Amaral;
Francisca Moreira



A Universidade de Coimbra e seus Estudantes aos Olhos dos Viajantes Estrangeiros (1581-1879): 298 Anos de Fragmentos Literários
Carlos Xavier Reis

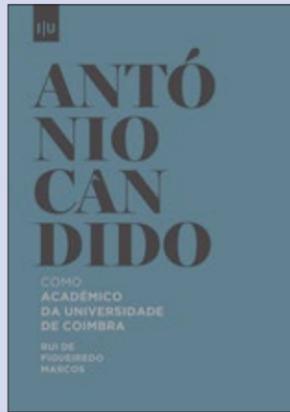


Protocolo Unificado para o Tratamento Transdiagnóstico das Perturbações Emocionais: Manual do Terapeuta
David H. Barlow; Tood J. Farchione; Shannon Sauer-Zavala; Heather Murray Latin; Kristen K. Ellard; Jacqueline R. Bullis; Kate H. Bentley; Hannah T. Boettcher; Clair Cassiello-Robbins

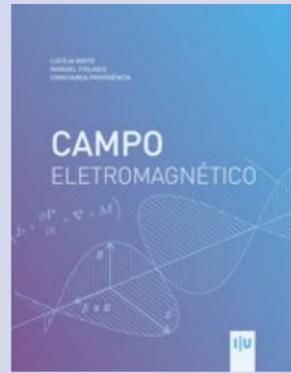


Protocolo Unificado para o Tratamento Transdiagnóstico das Perturbações Emocionais: Manual de Exercícios
David H. Barlow; Tood J. Farchione; Shannon Sauer-Zavala; Heather Murray Latin; Kristen K. Ellard; Jacqueline R. Bullis; Kate H. Bentley; Hannah T. Boettcher; Clair Cassiello-Robbins

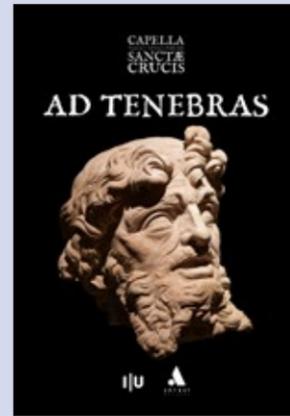
DESTAQUES



António Cândido como Académico da Universidade de Coimbra
Rui de Figueiredo Marcos



Campo Eletromagnético
Lucília Brito; Manuel Fiolhais;
Constança Providência



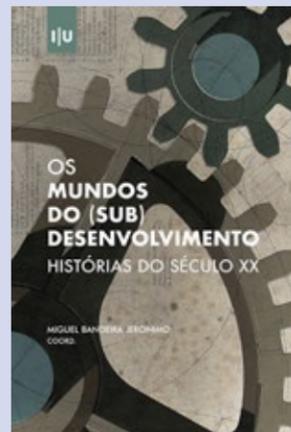
AD TENEBRAS. Lamentações e Responsórios para a Semana Santa de Santa Cruz de Coimbra. 1530-1630
Tiago Simas Freire; Maria de Lurdes Craveiro; Luís Neiva



Conímbriga: A Vida de uma Cidade da Lusitânia
Virgílio Correia



Identidade Romana e Contemporaneidade
Nuno Simões Rodrigues;
Ália Rosa C. Rodrigues



Os Mundos do (Sub) Desenvolvimento: Histórias do Século XX
Miguel Bandeira Jerónimo



Caminhos de Ferro: Geografia, Património e Turismo
Paulo Carvalho



Relatório do Intendente Custódio Ramos I e II
Luís Marquez Loza;
Fernando Tavares Pimenta



O Dispositivo Mnemónico: Uma História da Memória da Luta de Libertação em Cabo Verde
Miguel Cardina;
Inês Nascimento Rodrigues



Mito e Drama: Teatro Clássico no seu Tempo e no nosso
Maria de Fátima Silva;
Susana Marques Pereira;
Rui Tavares de Faria



Recepção dos Clássicos: Intertextualidade e Tradução
Patrícia Prata;
Matheus Trevizam



[B2] Em Português: Manual de Português Língua Não Materna
Cristina Martins



Medievalismo Literário Português em Contexto Europeu
Ana Maria Machado



Sequenciação de DNA - NGS: Manual de Boas Práticas
Fernando Regateiro



O Espaço Urbano do Porto - Condições Naturais e Desenvolvimento
J. M. Pereira de Oliveira



Memórias em Movimento. História e Trauma nos Cinemas Ibero-Americanos
Iván Villamea Álvarez;
Silvana Mariani;
Júlia Vilhena Rodrigues

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 58
MARÇO 2024

A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a *Rua Larga* é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga
Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

XXVI SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2024

1 DE MARÇO | 21:30

Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV)

Vox Symphonica — Concerto de Abertura da XXVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC)

Orquestra Académica da UC

2 DE MARÇO | 18:30

Casa da Esquina

...O Lugar que Já Não É

Pensamento Voador

2 A 9 DE MARÇO | 10:00 ÀS 18:00

Exploratório — Centro de Ciência Viva da UC

50 Anos a Viajar pela Voz das Crianças

Serviços de Ação Social da UC

2 A 15 DE MARÇO

11:00 ÀS 23:00

Galeria A Camponeza

A voz está Rouca

Associação Cultural Videolab

2 DE MARÇO | 21:30

Grande Auditório do Conservatório de Música de Coimbra

Dar Voz às Vozes de Abril

Coro Misto da UC

2 DE MARÇO | 17:45

Edifício Associação Académica de Coimbra (AAC)

Quando a Palavra Vale mais que Mil Imagens

Secção de Fotografia AAC

2 DE MARÇO | 17:00

Capela de S. Miguel da UC

Solfa Cantada. Vésperas Solenes para a Festa de Corpus Christi

Musurgia Ensemble c/ direção artística de Helder Sousa e João Távora

2 DE MARÇO A 2 DE ABRIL | 15:00

Casa Museu Elysio de Moura — Colégio de Santo António da Pedreira

Sussurros entre Flores

Casa Museu Elysio de Moura — Casa da Infância Doutor Elysio de Moura

3 DE MARÇO | 18:30

TAGV

Coimbra Canta Abril

Chorus Ingenium — Associação Cultural dos Engenheiros da Região Centro

3 DE MARÇO A 29 DE SETEMBRO | 15:30

Prisão Académica

Manifesto ao Corpo

Associação Há Baixa

4 DE MARÇO | 18:30

Colégio das Artes

No retrovisor (O que as Vozes Vêem)

Colégio das Artes da UC

4 DE MARÇO A 4 DE ABRIL | 16:00

Departamento de Arquitetura UC — Sala de Exposições

Ter VOZ na MATÉRIA

Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC

5 E 11 DE MARÇO | 15:00

Museu Nacional Machado de Castro e Espaço Cura

Vozes do Passado e da Memória: A Voz de Todos Nós

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

7 DE MARÇO A 7 DE ABRIL | 17:45

Departamento de Física da UC — Piso 0 e 2

Fala do Homem Nascido: Os instrumentos de acústica de Rudolph Koenig

Rómulo Centro de Ciência da UC
Departamento de Física da UC

7 DE MARÇO | 21:30

Grémio Operário de Coimbra

Zeca Afonso, Voz de Abril!

Associação Apojovi/Aposenior c/ Grupo de Cordas da Secção de Fado da AAC

8 DE MARÇO A 8 DE ABRIL | 17:30

Departamento de Física da UC — Piso 0 Rómulo — Centro de Ciência da UC

50 anos de Ciência no Feminino: A Voz das mulheres na UC

Rómulo — Centro de Ciência da UC

8 DE MARÇO | 19:00

Casa do Cinema de Coimbra

Documentário “Woods” de Marta Blanco

Linha de Fuga Associação Cultural

8 A 15 DE MARÇO DE 2024 | 10:00

A Definir

Vozes de Abril em Coimbra

Agrupamento de Escolas Martim de Freitas

8 DE MARÇO | 10:00

Auditório Municipal de Penacova

Vozes Encantadas de Saramago

Aquarela Brasileira Multimedia

9 DE MARÇO | 16:00

Centro Cultural D. Dinis

A Voz do Povo e suas Tradições

Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da UC

9 DE MARÇO | 17:00

Baixa de Coimbra

38 anos de Vozes na Cabeça — A RUC dá Voz à Baixa

Rádio Universidade de Coimbra

9 DE MARÇO | 17:00

Atelier A Fábrica

50 anos de Cravos e Outras Canções

Pardalitos do Mondego Associação Para a Divulgação do Fado de Coimbra

9 DE MARÇO | 11:00

Café Santa Cruz

A Voz da Baixa

Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra

9 DE MARÇO | 16:00

Café Santa Cruz

Cant'á3Vozes: Polifonias do Centro

Casa da Académica em Lafões

9 DE MARÇO | 21:00

Atelier A Fábrica

Duo—Elo

Dancers' Up Associação Cultural

9 DE MARÇO | 21:30

Igreja de Santa Cruz

João Rodrigues Esteves A Voz Silenciada

Coimbra Vocal c/ Pautas e Reflexos Associação

9 DE MARÇO | 21:30

TAGV

O Estrangeiro de Albert Camus

CTB — Companhia Teatro de Braga

9 DE MARÇO | 16:00

Teatro da Cerca de São Bernardo

Voz no Silêncio

Recortar Palavras Associação artística, Literária, Educacional e Lúdica

9 DE MARÇO | 21:30

Igreja da Rainha Santa Isabel — Mosteiro de Santa Clara a Nova, Coimbra

Vozes que Unem — Concerto de Abertura do XII Ciclo de Requiem

Associação Ecos do Passado — Orquestra Inês de Castro, sob a Direção de Rómulo Assis e Curadoria de Artur Pinho Maria

11 A 15 DE MARÇO | 9:00

Edifício da AAC

Dar Voz aos Teus Pensamentos

SOS Estudante

11 A 13 DE MARÇO | 18:45

Casa do Cinema de Coimbra

Ecos Visuais: A Primazia da Voz no Cinema

Caminhos do Cinema Português Associação de Artes Cinematográficas de Coimbra

11 A 16 DE MARÇO | 21:30

Teatro de Bolso do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Medeia

TEUC

12 DE MARÇO | 21:30

Ateneu de Coimbra

CEI da Resistência: 80

Secção de Escrita e Leitura

12 DE MARÇO | 18:30

Casa da Esquina

Voz On

Casa da Esquina

14 DE MARÇO E 15 DE MARÇO | 19:00

Atelier A Fábrica

A Corda Mor Oralidades

Adágio Vigilante Associação Cultural

14 DE MARÇO | 21:30

TAGV

Notas do Passado, Ritmos do Presente: Jazz & Folclore Português

Secção de Fado da AAC

15 DE MARÇO | 21:30

TAGV

Baixa, Rasa, Riba!

Associação Catrapum

15 DE MARÇO | 19:30

Teatro estúdio do Círculo de iniciação Teatral Academia de Coimbra (CITAC)

Da Boca para Fora

CITAC

9 DE MARÇO | 19:30

Coola Boola Colab

Ecos do Mondego Vozes e Diálogos

Associação Cultural Arregaça

24 DE ABRIL | 09:30

Grande Auditório do Conservatório de Música de Coimbra

Sons da Revolução

Tuna Académica da Universidade de Coimbra

2,3 E 8 DE MARÇO | 06:30

Sala Manuel Raposo Marques — Edifício da AAC

Atelier da Voz

Orfeon Académico de Coimbra

15 DE MARÇO | 21:30

Atelier A Fábrica

VIVEIRO II

Lúcia Lima Associação Cultural



www.uc.pt/semanacultural



XXVI SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA 1 — 15 MAR. 2024

WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL

É bem conhecida a passagem da Política (1253a) em que Aristóteles sustenta que o ser humano é um «animal político» (zoon politikon), ou seja uma entidade que encontra a sua realização natural na existência em comunidade (polis) e na partilha de objetivos comuns. Distingue-se ainda por ser capaz de articular o som de forma mais complexa, característica que lhe permite elevar o uso da voz às alturas de um discurso complexo (logos). É desta forma sublinhada, num dos textos fundadores mais paradigmáticos da teorização política, a estreita relação entre a construção de comunidades de cidadãos ativos e o uso da voz como garante de liberdade de expressão e de ação.

O lápis azul foi, durante demasiado tempo, sinónimo gráfico e visual de uma censura amordaçante, pronta a calar qualquer Voz contrária àquela imposta pela Ditadura. Inspirada na icónica fotografia de Zeca Afonso,

A celebração, em 2024, dos 50 anos passados sobre a Revolução de Abril constitui um marco de primeira importância, que se funde com a própria história da Universidade e com a sua tradição de defesa de causas estruturantes da liberdade e da democracia. Com a simples expressão «Peço a palavra», um jovem estudante da Academia coimbrã marcaria de forma indelével o desafio a um regime, abrindo sendas à esperança e à igualdade. Assim libertou Coimbra as vozes embargadas num silêncio aflito e delas saiu a Voz da Revolução.

na imagem gráfica identitária desta XXVI Semana Cultural, o lápis azul que tenta calar essa Voz é interrompido pelo braço que, subindo bem alto, mostra o seu cravo vermelho, tão forte sinónimo da Liberdade alcançada.

Ao eleger a «Voz» como tema da XXVI Semana Cultural, pretende-se dar igual capacidade de intervenção à polifonia de sentimentos, de perspetivas de análise e de expressões artísticas que constroem a riqueza e complexidade imensas do ser humano. Para afirmar bem alto, com as palavras de Zeca Afonso:

«DESDE ENTÃO A BATER NO MEU PEITO EM SEGREDO SINTO UMA VOZ DIZER TEIMA, TEIMA SEM MEDO.»

MELHOR ENSINO
MENOS POLÍCIAS

ESTUDANTES
UNIDOS POR COIMBRA

UNIVERSIDADE LIVRE

